

RICHARD SIMONETTI

*A Bênção
da Gratidão*

A IMPORTÂNCIA DE AGRADECER
PARA VIVER BEM E FELIZ



A Bênção da Gratidão

RICHARD SIMONETTI

A Bênção da Gratidão



Copyright © 2018 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 1ª impressão – 200 exemplares – 7/2018

ISBN 978-85-9466-192-0

Edição especial para a 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6168/6177 – comercialfeb@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

S594b Simonetti, Richard, 1935–

A bênção da gratidão / Richard Simonetti. – 1. ed. – 1. imp. –
Brasília: FEB, 2018.

208 p.; 23 cm

ISBN 978-85-9466-192-0

1.Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 80.01.00

Sumário

A bênção da gratidão	
Agradecemos sempre!	
1	
Estresse e saúde	
2	
Os pobres e os estropiados	
3	
O “vício” do bem	
4	
Até por malandragem	
5	
Como Chico Xavier	
6	
Pedir e agir	
7	
Cumprir o manual	
8	
Terceirização	
9	
Amar e ser amado	
10	
Sobre Deus	
11	
O destino de nossa família	
12	
Terapia literária	

13

Uma outra comemoração

14

Mais para menos

15

Mortos-vivos

16

Resiliência

17

Ao pó voltará

18

Evocações

19

Sonífero inoportuno

20

Doppelgänger

21

Consultar o futuro

22

Casamento feliz

23

Da Terra e do Céu

24

Passe em animais

25

Estacionários

26

Espíritos sofredores

27

Gratificante tarefa	
28	
Prestar atenção	
29	
Esquecimento do passado	
30	
Imagens no espelho	
31	
Os braços do Cristo	
32	
A ética e a matemática	
33	
Acertos genéticos	
34	
A casca de banana	
35	
As respostas do Céu	
36	
Alicerce seguro	
37	
Variações sobre o amor materno	
38	
A Estrela de Belém	
39	
O ano aceitável	
40	
As marcas do Cristo	

A bênção da gratidão

Em estilo leve, agradável e objetivo, já conhecido dos seus leitores, Richard Simonetti apresenta ao público espírita, simpatizantes e a todos que o lerem, uma obra oportuna e necessária.

A bênção da gratidão recorda-nos que agradecer é uma oportunidade. Poucos ainda aproveitamos essa dádiva que Deus nos oferece: a de agradecer sempre.

Quem agradece vive bem e feliz!

Quem reclama dificulta a própria caminhada.

Reclamar é perder tempo, como anota Joanna de Ângelis assertivamente.

Agradecer, ao contrário, é se aliar ao tempo e seguir na sua companhia saudável, apreciando com olhos otimistas o que a vida tem de melhor.

Simonetti destaca, com sua peculiar didática e jeito fácil de escrever, o que aprendeu com sua digníssima esposa, que a gratidão deve estar presente no dia a dia de nossas existências. Isso nos faz bem e beneficia os que conosco convivem por gerar alegria de viver.

A vida nos oferta tantas benesses que basta pouco de nossa providência para bem usufruirmos da Providência Divina, que olha por todos nós incessantemente!

Somos convocados aos testemunhos, pessoais e intransferíveis, de exemplificação no bem e de superação das dificuldades que ainda trazemos e alimentamos na intimidade de nossos corações. São as provas exigidas de todos os que pretendemos seguir em frente, na caminhada rumo à perfeição a que estamos destinados pelas Leis de Deus.

A bênção da gratidão é um presente, amigo leitor, com que o pioneiro e caro escritor nos brinda, verdadeiro legado espiritual para a eternidade. Mérito do autor, ensejo a seus apreciadores.

Felizes os que pudermos desfrutar ainda nessa trajetória terrena da leitura dos *exercícios literários*, como humildemente ele denomina seus escritos!

Você é nosso convidado para fazermos essa travessia: navegar pela virtude da gratidão, aprendendo o quanto ela nos será gratificante se dela fizermos bom proveito.

Aproveitemos, portanto, eis o momento!

Brasília (DF), julho de 2018.

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO

Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira

Agradecemos sempre!

Já comentei, nas páginas da revista *Reformador*, a imensa gratidão que devo ao prezado doutor Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), mandato: 1943–1970, pela coragem de publicar naquelas páginas abençoadas um artigo de escritor iniciante, em junho de 1963, portanto, há cinquenta e cinco anos.

Foi maravilhoso estímulo para continuar exercitando a capacidade de transpor para o papel, hoje para a tela de computador, meus exercícios literários, dando origem a sessenta e quatro livros, talvez sem atrativos maiores para os confrades eruditos, afeiçoados aos raciocínios profundos.

Não obstante, embora reconhecendo o valor dessas abordagens, mesmo porque a Doutrina Espírita deve ser extrapolada para todos os ramos do conhecimento, a fim de que se fixe como a grande contribuição em favor de um entendimento maior do significado e do objetivo da existência humana, permaneço fiel ao meu estilo, com pitadas de humor que estimulam o sorriso para fora, favorecendo a entrada do conteúdo para dentro, e assim pretendo, enquanto aprouver aos nossos mentores concederem-me autorização para por aqui ficar, sem a mente degradingolar.

* * *

Ao longo desses cinco quinquênios, escrevi livros estudando *O livro dos espíritos*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno*, *O Sermão da Montanha*, as parábolas de Jesus, romances, crônicas, histórias; há estudos sobre a morte, a reencarnação, a mediunidade, em sistema de perguntas e respostas, e outros temas e abordagens, procurando sempre trocar o Espiritismo em miúdos, colocando-o plenamente ao alcance de toda gente.

Gratifica-me e justifica esse empenho saber que palestrantes citam meus textos, sob a alegação de que estes facilitam o entendimento dos ouvintes. E mais: pessoas informam-me que sua vida mudou, a partir da leitura desses livros.

Bem mais que o pouco bem que tenham recebido, o maior de todos foi o meu próprio bem, em contato prolongado com o Espiritismo Cristão, que amplia as luzes do Evangelho, oferecendo-nos um dos bens mais preciosos da existência: a segurança de viver, com plena consciência da presença de Deus em nossas vidas.

* * *

Costumo comentar que no *atacado*, em temas básicos, como reencarnação, mediunidade, Lei de Causa e Efeito, existência de Deus, sobrevivência da alma, a Doutrina é perfeita.

No *varejo*, na interpretação dos textos sempre haverá divergências, mesmo porque estamos na *morada da opinião*, onde cada qual tem uma compreensão, uma maneira de apreciar as coisas.

Estou convicto de que em estágios mais altos de evolução tenderemos à unidade de pensamento, uma visão objetiva da realidade.

* * *

Atendendo sugestão de nosso caro Geraldo Campetti Sobrinho, reuni textos não publicados em meus livros, embora alguns tenham circulado em periódicos espíritas, e outros tantos originais, para este novo livro, meio nostálgico, é verdade, mas o leitor há de perdoar-me, porquanto depois dos 80 anos é difícil não sê-lo, apreciando o que se foi na inexorabilidade do tempo, marcando o pouco que fizemos e o muito que deveríamos ter feito.

* * *

À minha esposa Tânia, meu anjo protetor diante dos contratempos da velhice e da enfermidade, as quais, segundo Humberto de Campos, são enfermeiras da alma, e a tantas e tantas bênçãos que Deus nos oferece para o bom aproveitamento desta escola das almas que é a Terra. Ela tem por filosofia de vida agradecer sempre e sempre a tudo o que o Senhor nos oferece, males que geram bens, bens que se multiplicam quando agradecemos.

Ela tem razão.

Quem agradece está reconhecendo que foi beneficiado e haverá benefícios maiores do que aqueles que emanam de Nosso Pai, de Infinito Amor e Misericórdia revelados por Jesus?

Agradeço, sobretudo a você, leitor amigo, pelo estímulo de sua leitura, que há de continuar a apreciar meus exercícios literários, enquanto nossos mentores assim aprouverem.

Assim, uma última palavra, em benefício próprio e daqueles que nos rodeiam.

Sejamos agradecidos e otimistas ao enfrentarmos os desafios da vida, porquanto, como dizia, bem-humorada, uma mãe superiora, idoso mal-humorado é obra prima do *tinioso* — atormenta-se e atormenta familiares e amigos que o rodeiam.

Agradeçamos sempre!

Bauru (SP), fevereiro de 2018.

Estresse e saúde

O segredo da saúde, corporal e mental, está em não se lamentar pelo passado, não se preocupar com o futuro, nem se adiantar aos problemas, mas viver sábia e seriamente o presente.

Este pensamento de Buda encontra hoje respaldo na medicina, que cada vez mais demonstra a influência de nossas emoções na etiologia das enfermidades físicas e mentais.

Considerando que a experiência humana representa uma bolsa de estudos na escola da reencarnação, temos em nosso próprio corpo eficiente mestre, que sempre registra, na forma de enfermidades e limitações, nossos momentos de instabilidade emocional, nossos comprometimentos com o erro, com o vício, com a irresponsabilidade, a corrigir nossos caminhos, nosso roteiro de vida, nossa maneira de ser.

Um brilhante infográfico da revista *Galileu*, de fevereiro de 2014, demonstra como os problemas emocionais transformam-se em doenças, na seguinte sequência:

Cérebro.

O hipotálamo estimula a hipófise a liberar o hormônio adenocorticoide, que atua nas glândulas suprarrenais.

Suprarrenais.

Produzem adrenalina, noradrenalina e cortisol, que aumentam os batimentos, mas enfraquecem o sistema imunológico.

Coração.

Trabalha mais, e mais rápido, para bombear sangue. Sob estresse prolongado, o músculo pode cansar, abrindo caminho para a insuficiência cardíaca.

Fígado.

Produz mais glicose para suprir a demanda por energia, então precisa de matéria-prima; acaba trabalhando em excesso.

Estômago.

Recebe menos sangue e há alteração na digestão. A irritação na mucosa pode se complicar e evoluir para uma úlcera.

Intestino.

O intestino fica menos irrigado e, por isso, fica com dificuldades na absorção de nutrientes e na excreção das fezes.

No conjunto, essas pressões emocionais sobre a delicada máquina física produzem desajustes variados que complicam a jornada e podem abreviar a existência.

Nós, espíritas, temos o hábito de qualificar a enfermidade como resgate de débitos de vidas pregressas, com o que justificamos o mau uso do corpo.

Há, sim, doenças cármicas, congênicas, isto é, nascemos com elas ou estamos programados para contraí-las.

Representam uma válvula de escoamento das impurezas espirituais, para reajuste nos delicados mecanismos das emoções ou, ensaiando poesia, eficiente tratamento de beleza para o Espírito.

Considere, porém, leitor amigo, que a maior parte de nossos males decorre não do que fizemos, mas do que estamos fazendo, por não controlarmos as nossas emoções, presos a lembranças infelizes do passado próximo, ou demasiadamente preocupados com o futuro remoto, por falta de confiança em nós mesmos e em Deus.

Consequência: vivemos desajustados no presente, como ensina Buda.

* * *

Se desejarmos desfrutar de saúde, três providências são essenciais:

Esquecer o passado, eliminando mágoas pelo que nos fizeram.

Exercitar um presente sem ambições desmedidas, sem cogitações passionais, sem atritos com o próximo, cumprindo os valores do Evangelho, elegendo o empenho do bem como meta suprema de nossa vida.

Desligar preocupações com relação ao futuro, confiando em Deus.

A propósito dessa última providência, vale lembrar um texto irlandês bem-humorado e oportuno:

Você anda preocupado com seu futuro, meu amigo, tão preocupado que não consegue viver o presente?

Saiba que há somente duas coisas com que você deve se preocupar:

Ou alcançará sucesso ou será malsucedido.

Se alcançar sucesso, não terá com que se preocupar.

Se for malsucedido, há somente duas coisas com que se preocupar:

Ou você manterá a saúde ou ficará doente.

Se mantiver a saúde, não terá com que se preocupar.

Se ficar doente, há somente duas coisas com que se preocupar:

Ou você sarará ou morrerá.

Se sarar, não terá com que se preocupar.

Se morrer, há somente duas coisas com que se preocupar:

Ou você irá para o Céu ou irá para o Inferno.

Se for para o Céu, não terá com que se preocupar.

Se for para o Inferno, estará tão ocupado, cumprimentando familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, que não terá tempo para se preocupar.

Lembre-se:

Preocupar-se é se pré-ocupar com algo que ainda não aconteceu.

Portanto, relaxe!

Nossa única preocupação, hoje e sempre, deve ser a busca daquele jugo leve a que se refere Jesus, quando nos dispomos a cumprir os valores do Evangelho.

Essa a melhor iniciativa em favor de uma existência saudável, feliz e longeva.

* * *

Assim sendo, meu caro leitor, vamos buscar a descontração maravilhosa que nos felicita quando ocupamos nosso tempo em atividades úteis, que nos enriqueçam cultural, moral e espiritualmente.

Por falar nisso, o que você fez de bom hoje, por si mesmo ou pelo próximo? Por pouco seja, serão novas luzitas a formarem o abençoado farol que iluminará nossos caminhos na vida e nas regiões umbralinas por onde passaremos com segurança, rumo às moradas celestiais dos que tiveram por única preocupação cumprir a vontade de Deus.

Os pobres e os estropiados

Há livros que divertem, que encantam, que comovem...

Os mais importantes são os que edificam, que mudam nosso comportamento, que nos inspiram a uma existência digna, honesta, virtuosa.

Há um porém: quando nos abeberamos deles, assumimos compromisso com suas propostas. Aí reside o perigo, porquanto o conhecimento da verdade implica compromisso com ela, o que nem sempre estamos dispostos a assumir ou somos capazes de cumprir.

Que o Evangelho é Livro Divino, o momento maior na história humana, com o mais perfeito roteiro em favor de nossa edificação, não há dúvida, mas oferece desafios que raros se dispõem a enfrentar.

Você teria disposição e, mais que isso, coragem de convidar os pobres e os estropiados para uma festa de aniversário ou de confraternização em sua casa?

Se responder negativamente, saiba que estará menosprezando a orientação de Jesus (*Lucas*, 14:12 a 14):

Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar e sejas recompensado.

Mas, quando fizeres convite, chama os pobres e os estropiados.

E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos.

Dureza!

O Mestre, literalmente, coloca o dedo na ferida, ao demonstrar quão longe estamos de vivenciar suas lições!

Dirá você ser impossível a observância literal dessa recomendação. Afinal, os tempos são outros e, até por uma questão de segurança, é conveniente tomar cuidado ao escolher convidados para uma festa.

Concordo.

Realmente, é preciso cultivar a prudência que, diga-se de passagem, também faz parte das diretrizes evangélicas.

Não obstante, talvez possamos encontrar solução alternativa para esse impasse, imitando interessante iniciativa de uma senhora.

Ela comemorou seus 80 anos bem vividos com uma grande festa para 500 convidados, dentre familiares, amigos e companheiros do centro espírita que frequentava.

No convite, uma observação singular: queria receber de cada convidado, como presente, uma cesta básica de alimentos.

A festa foi um sucesso, bem como a arrecadação das cestas. Eram tantas que foi necessário um caminhão para transportá-las.

Centenas de famílias foram beneficiadas com a garantia de alimentação para um mês, sem dúvida benefício bem maior do que a simples refeição que teriam numa reunião festiva.

* * *

Se a verdadeira religião, conforme está no Evangelho, em várias passagens, consiste em atender os pobres e estropiados, por que não imitar tão edificante exemplo, habituando-nos a iniciativas que resultem em

benefícios para os *pobres e estropiados*, até mesmo em nossas confraternizações?

O “vício” do bem

A **máxima de** Allan Kardec,¹ *Fora da caridade não há salvação*, registrada no capítulo 15 de *O evangelho segundo o espiritismo*, é, sem dúvida, a bandeira da Doutrina Espírita, estimulando-nos ao esforço pela construção de uma sociedade melhor, a partir do empenho de servir.

Como o homem é egoísta e imediatista, mais perto da animalidade do que da angelitude, raros dispõem-se a carregá-la.

Afinal, presume a maioria, o Além está longe, há muito chão pela frente, anos de jornada, antes de cogitar do que fazer hoje para não se complicar amanhã.

* * *

Não obstante, na atualidade há alguns estudos sobre o assunto, com interessantes constatações, que devem merecer nossa atenção.

Consideremos nesse particular a importância de colocar em prática a máxima de Kardec, atendendo a duas vertentes.

A primeira: longevidade.

Pesquisas demonstram que as pessoas que se integram nos serviços em favor do próximo, em bases de voluntariado, vivem mais.

As vibrações de gratidão daqueles que beneficiamos constituem verdadeiro tônico, que fortalece o corpo e tranquiliza a alma, bases para uma existência longa.

Já pensou, amigo leitor, no alcance de um *Deus lhe pague*?!

Que riqueza de saúde e bem-estar acumulamos a partir dessa vibração emitida por aqueles que ajudamos!

Além deles, imagine a ação de seus familiares e amigos desencarnados, sempre gratos e dispostos a nos recompensar com suas preces, com sua ajuda nos momentos difíceis.

E há um detalhe: aqueles que pontificam nesse empenho, dedicados e perseverantes, estendem ainda mais sua existência. Isto porque são tão raros os que exercitam em plenitude a capacidade de servir, que o jeito é segurá-los o maior tempo possível, em moratórias promovidas pelos mentores espirituais.

Afinal, como dizia Jesus, se a Seara é grande e poucos os trabalhadores, é evidente que estes terão a preferência dos poderes que nos governam, estendendo-lhes a existência aos limites possíveis.

Por isso Hermínio Miranda, o grande escritor espírita, proclamava que há inúmeros companheiros *fazendo serão*, aqui mourejando além do tempo que lhes foi concedido em abençoadas moratórias de serviço.

Então, meu caro, se você quer prolongar a existência, sorva, a largos goles, o elixir da caridade.

A segunda: sobriedade.

As pessoas costumam procurar o prazer nos meandros do vício, o que sempre resulta em desajustes e dores.

Ensina o velho aforismo: *no fundo da taça dos prazeres sustentados pelo vício há sempre o gosto amargo da insatisfação e do desajuste*.

Conversei certa feita com um paciente com grave problema de enfisema pulmonar, que produz intolerável falta de ar. E ele me disse que seu maior arrependimento era não ter largado de fumar trinta anos antes.

Estava pagando um preço alto, alto demais, pelos fugazes momentos de tranquilidade que as baforadas de nicotina lhe proporcionavam.

Não é fácil superar o vício, já que ele se entranha tanto no corpo físico quanto no perispiritual. Além do mais, viciados desencarnados assediam os

encarnados, a fim de se satisfazerem, dificultando a recuperação.

Há um recurso maravilhoso nesse sentido: atender companheiros de infortúnio. Casos notáveis de superação acontecem.

Em geral, a disposição de servir, fazendo algo pelo próximo, é o caminho mais curto, mais acertado, para vencer não apenas vícios, mas também perturbações, tristezas e angústias que nos infelicitam e nos comprometem.

* * *

Pesquisadores constataam que o exercício da caridade, o fazer algo por alguém, estimula os mesmos centros cerebrais responsáveis pela sensação obtida com o vício.

E mais: dizem que o bem-estar inerente à prática de uma boa ação tem duração de aproximadamente quatro horas.

O ideal, portanto, é sermos viciados em praticar o bem, não deixando passar nenhum ensejo, seja no lar, na rua, na atividade profissional, na vida social.

Assim estaremos sempre ajustados e felizes, mesmo enfrentando as tormentas próprias deste mundo de provas e expiações.

A regra é simples: coloque-se sempre no lugar do outro e faça por ele o que gostaria que ele lhe fizesse, como ensinava Jesus.

¹ Allan Kardec (1804–1869), pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, francês, Codificador do Espiritismo.

Até por malandragem

Considerando que todos retornaremos à espiritualidade, conduzidos pela senhora morte, que tem o mau hábito de não nos avisar com antecedência, seria interessante estarmos sempre preparados para a grande viagem, levando a única moeda aceita no Além, em nosso benefício: as boas ações.

A propósito, é oportuna uma manifestação registrada em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 13, item 13.

Diz a entidade:

[...] Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos:

— Oh! Meus amigos! Quantas misérias, quanto sofrimento, quantas lágrimas eu vi! E quanto tendes que fazer por secá-las todas!

Inutilmente tentei consolar mães pobres carregadas de filhos, dizendo-lhes aos ouvidos:

“Coragem! Há corações bondosos que velam por vós, que não vos abandonarão; paciência! Deus existe, e sois as suas amadas, as suas eleitas”.

Elas pareciam ouvir-me e voltavam para mim o olhar atormentado.

Minhas palavras, contudo, se lhes confortavam o coração, não saciavam o estômago.

Então, eu repetia: “Coragem, coragem!”.

Uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e ergueu-a no espaço vazio, como para me rogar que protegesse aquele pequeno ser que buscava alimento num seio estéril.

Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos, sem trabalho e sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da necessidade, e envergonhados de sua miséria, não se atrevendo a implorar a piedade alheia.

Então, coração tomado de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga por eles e vou por toda parte estimular a beneficência e inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos.

Não vos digo o que deveis fazer; deixo a iniciativa aos vossos corações, pois se eu vos ditasse a linha de conduta, não teríeis o mérito de vossas boas ações. Eu vos digo, somente:

“Sou a Caridade, e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos sofredores”...

Estas vigorosas afirmativas são do Espírito Cárita, piedosa religiosa martirizada em Roma.

Segundo índice biográfico da *Revista Espírita*, de Allan Kardec, seria o mesmo que ditou a famosa *Prece de Cárita*.

Não devemos ver na mensagem transcrita simplesmente um apelo à beneficência, mas o registro de lamentável realidade que somos chamados a modificar.

O falecido prefeito de Nova York, La Guardia, era famoso por suas tiradas filosóficas.

Costumava presidir, periodicamente, um tribunal onde eram julgados casos policiais simples.

Numa dessas sessões apresentaram-lhe um homem que fora surpreendido roubando um pão.

La Guardia julgou-o, considerou-o culpado e o condenou a pagar uma multa de cinquenta dólares.

Depois, dirigindo-se a pequena multidão que lotava o recinto, sentenciou:

— Quanto aos presentes, estão todos condenados a pagar um dólar cada um, até atingir o limite da multa imposta ao réu, para que ela seja quitada e ele seja liberado.

Após breve pausa, enfatizou:

— Os senhores estão multados por viverem numa cidade onde um homem é obrigado a roubar pão para matar a fome!

O episódio de La Guardia é eloquente.

Permite-nos considerar que todos nós, habitantes de qualquer cidade do mundo, estamos sujeitos a uma sanção mais grave, a uma multa mais severa — a crônica insatisfação, a inquietação constante, os desajustes intermináveis, a frustração do anseio de felicidade...

Isso tudo por vivermos num mundo onde as palavras caridade, bondade, fraternidade, solidariedade, são enunciadas como virtudes raras, não como elementares deveres de convivência social, cujo exercício é indispensável ao equilíbrio de qualquer comunidade.

Dizem os Espíritos Superiores que a felicidade do Céu é socorrer a infelicidade da Terra.

Diríamos nós que somente à medida que nos preocuparmos em socorrer a infelicidade da Terra é que estaremos a caminho da felicidade do Céu.

Não há alternativa.

Podemos estar isolados da multidão aflita e sofredora, mas jamais estaremos bem, porquanto a infelicidade é o clima crônico dos que se fecham em si mesmos.

Mãos servindo, são antenas que estendemos para a sintonia com as fontes da vida e a captação das bênçãos de Deus.

Por isso, manifestações como a de Cárita não podem morrer sem eco em nossos corações.

Há muita dor a amenizar, muita fome a saciar, muitas necessidades a atender...

Há muita gente precisando de nós!

* * *

Justificativas para a omissão sempre aparecem, mas facilmente desmontadas, amigo leitor, como podemos constatar em breve diálogo entre assíduos frequentadores de reuniões mediúnicas e o mentor que os convidava a participar do trabalho filantrópico, numa instituição espírita.

— Não tenho tempo!

— Tempo é uma questão de preferência.

— Até que gostaria de participar, mas estou adoentado!

— A prática do bem é o melhor remédio para os males do corpo e da alma.

— Meu tempo passou. Estou com 75 anos!

— A ferrugem só atinge a enxada que deixou de trabalhar.

— Prometo para mais tarde.

— Amanhã haverá apenas espinhos em nosso caminho se não semearmos o bem agora!

Para finalizar, leitor amigo, uma observação interessante de um lidador espírita:

— É tão bom praticar o bem, mas tão bom mesmo, que se o malandro soubesse disso, o faria por malandragem.

Como Chico Xavier

Falando em morte, felizes os que não morrem na memória das pessoas porque vêm para ensinar, com a força do exemplo, as virtudes do Céu para a gente da Terra.

Um confrade comentava:

— Você sabia que em Minas Gerais viveu um contemporâneo de Chico Xavier que se ombreava com ele?

— Espírita?

— Católico.

— Médiun?

— Identificava-se na capacidade de amar o próximo, um verdadeiro cristão.

Pouco familiarizado com o assunto, indaguei:

— É conhecido?

— Certamente, e venerado por centenas de pessoas que beneficiou com seu devotamento ao Bem.

Trata-se de Monsenhor José Silvério Horta, falecido em 1933, aos 74 anos.

— Realmente, não conheço.

O amigo sorriu.

— Sua memória está falhando, porquanto, dentre suas virtudes, foi sensível poeta, autor de versão do Pai-Nosso que já ouvi você declamar.

A menção à oração dominical agitou os neurônios, trazendo-me a lembrança da belíssima poesia, sob o título *Oração*, psicografada por Francisco Cândido Xavier, inserida no livro *Parnaso de além-túmulo*, publicado pela Federação Espírita Brasileira.

Nem mesmo sabia que o autor era sacerdote.

Curioso, fiz algumas pesquisas que confirmaram a informação de meu amigo.

Sobre ele, escreveu o historiador Cônego Raymundo Trindade:

Monsenhor Horta foi o nome mais largamente conhecido na diocese e por todo o Estado de Minas Gerais. Proverbial e comovedor o seu amor pelo pobre, sendo ele pobre e dos mais pobres. Foi o mais humilde dos eclesiásticos do seu tempo, ao mesmo tempo em que foi, entre eles, o mais insigne do Arcebispado.

Somente dispunha de si e do seu tempo para se tornar útil aos outros. De tal sorte se impôs por suas heroicas virtudes, que a sua bênção, deveras prodigiosa, era solicitada, diariamente, por levadas de romeiros que, para recebê-la, vinham dos pontos mais recuados do Brasil. A todos atendia com bondade, paciência e humildade sobre-humana.

Nas biografias que consultei, alguns dados reveladores:

Franzino, a sua constituição física revelava que a sua saúde não era das melhores. Mas a sua fortaleza interior mostrava o vigor do seu espírito sempre ativo e generoso na prática do bem.

Vestia-se pobremente, com a singeleza que não dispensa o asseio.

A sua pobreza voluntária não era confundida com a pobreza suportada. Sentia-se bem nos rigores dela, comovendo todos do seu tempo.

A caridade foi a virtude que o sublimou.

Em muitos lares fez com que a paz e o amor voltassem a reinar.

Promoveu a reconciliação de inimigos rancorosos.

Consolou aflitos que viviam feridos na carne e na consciência.

Enxugou lágrimas ardentes.

Atendeu os enfermos que chegavam à sua casa procurando a cura dos males do corpo e da alma.

Almas endurecidas e fechadas pelas decepções da vida ele abriu para o amor a Deus, como o Sol faz abrir a corola da flor que a noite fechou.

Para todos, o que havia de mais reconfortante e tranquilizador era encontrar a sua ternura, a sua piedade e a sua compaixão.

Todos sabiam que podiam contar com ele, pois tinham bom lugar no seu coração. Sobretudo os que padeciam de miséria, que é a falta do necessário.

Possuía também uma erudição pouco comum, sendo profundo conhecedor do latim, do português e de outras línguas.

Inúmeras foram as curas prodigiosas pela água que ele abençoava.

Vários foram os possessos e desequilibrados que socorria, incluindo as entidades que se manifestavam pelos doentes.

Quando faleceu, em 1933, uma multidão acompanhou seu sepultamento, iniciando-se, desde logo, um processo por sua canonização.

* * *

Para sua apreciação e edificação, amigo leitor, transcrevo o Pai-Nosso de José Silvério Horta, que reflete bem a grandeza desse verdadeiro cristão, que sabia pôr o coração em tudo o que fazia e que, como Chico, cultivava os valores da verdadeira oração, que se exprime na prática do bem.

Pai Nosso, que estás nos Céus,

Na luz dos sóis infinitos,

Pai de todos os aflitos

Deste mundo de escarcéus.

Santificado, Senhor,
Seja o teu nome sublime,
Que em todo o Universo exprime
Concórdia, ternura e amor.
Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.
Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila e nem erra,
Nos Céus, como em toda a Terra
De luta e de sofrimento.
Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão no caminho,
Feito na luz, no carinho
Do pão espiritual.
Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.
Auxilia-nos, também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar nossos irmãos
Que vivem longe do bem.
Com a proteção de Jesus,

Livra nossa alma do erro,
Sobre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.
Que a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do vosso amor... Assim seja.

Pedir e agir

Em Mateus (7:7 a 11), diz Jesus:

Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bate à porta, abrir-se-á.

Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? — ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? — ora se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhe pedirem?

Em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 25, comenta Kardec:

Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis é análoga a esta outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o Céu te ajudará.

É o principio da Lei do Trabalho e, por conseguinte, da Lei do Progresso, porquanto o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

Temos aqui uma abordagem de suma importância.

O empenho de buscar a ajuda do Céu não pode estar separado do empenho por conseguir o que desejamos.

Se quero entrar numa casa e a porta está trancada, elementar bater.

Se anseio pelo que careço, é fundamental caminhar ao encontro.

É imperioso o esforço pessoal, a iniciativa para que recebamos as dádivas divinas.

* * *

A oração será sempre o grande recurso para contar com o concurso do Céu.

Quem pede, recebe.

Contudo, entre a solicitação e a realização há o imperativo da iniciativa.

Milhões de jovens que buscam as universidades ou o emprego público apelam para o Céu.

Por que poucos conseguem seus objetivos?

Os que conseguem foram favorecidos pelo Senhor?

Obviamente, não!

Deus é a justiça perfeita. Não concede privilégios.

São aprovados aqueles que se empenham.

Um juiz nos dizia:

— Quando saí da faculdade, passei dois anos de total dedicação aos estudos, sem descanso, sem sábado, domingo ou feriado. Comia estudando, descansava estudando, sonhava que estava debruçado nos livros... Com a graça do Céu fui aprovado, resolvi meu futuro.

Certamente Deus o ajudou, mas ele fez sua parte.

Um jovem perguntou-me:

— Considerando que preciso urgentemente de um emprego, os Espíritos não poderiam dar uma mãozinha na prova a que vou submeter-me? No sistema de múltipla escolha, bem poderiam assoprar a resposta.

Se fosse assim, bastaria orar e os Espíritos fariam o resto.

A oração é importante numa situação dessa natureza, estabelecendo a ligação com benfeitores espirituais que podem nos ajudar, mas eles não

ditarão as respostas. Apenas nos darão condições para lembrar o que estudamos.

O desempregado que ora, que pede a Deus um emprego, porque precisa cuidar do sustento da família, será amparado, sim, desde que gaste a sola do sapato, saia a campo, porquanto o emprego não virá ao seu encontro.

A oração não me eximirá de procurar portas onde bater, mas me oferecerá a orientação para bater na porta certa.

Uma senhora, viúva, pobre, com quatro filhos para criar, pediu ajuda a Deus, que a inspirou a vender doce de coco.

Saiu a campo, criou seus filhos, melhorou sua situação, vendendo cocadas.

* * *

O trigo é uma bênção de Deus, atendendo às necessidades humanas. Seu potencial é inigualável. Uma única semente pode alimentar o mundo, multiplicando-se ao infinito.

Necessário, porém, que as pessoas se movimentem, distribuindo sementes, e que trabalhem no preparo da terra, na semeadura, na irrigação, na colheita, na moagem, preparando a farinha.

Deus nos dá a semente.

A multiplicação é trabalho nosso.

Deus oferece o trigo.

Compete-nos fazer o pão.

Ajuda-te que o Céu te ajudará!

Cumprir o manual

O **jovem foi** admitido para trabalhar numa multinacional.

A empresa, bem organizada, ofereceu-lhe um curso de vários meses, preparando-o adequadamente para as funções que exerceria.

Logo após o treinamento, recebeu o manual de orientação quanto à atividade profissional, seu relacionamento com chefes e colegas, sua postura na vida profissional.

Seis meses depois foi chamado ao departamento de pessoal.

Disse-lhe o encarregado:

— Agradecemos sua participação em nossa empresa, porém, segundo instruções da chefia, o senhor está dispensado de suas funções.

O rapaz levou um susto.

— Demitido? Não é possível!

— Não só é possível, como está acontecendo.

— Afinal, o que fiz de errado?

— O senhor esqueceu-se de cumprir as instruções.

Displícite, não se dera ao trabalho de estudar o manual, o que o levou a cometer vários deslizes.

* * *

Algo semelhante ocorre em relação ao Cristianismo.

Se funcionasse como uma grande empresa, os cristãos, em grande parte, estariam demitidos por não cumprirem o manual: o Evangelho.

Assim como o jovem displicente, a maior parte dos adeptos do Cristianismo prefere ignorá-lo.

Como colocar em prática suas diretrizes sem conhecê-las, sem assimilá-las pelo estudo e pela reflexão que as façam repercutir no comportamento?

Em cursos de Espiritismo constato: grande número de aprendizes não saberiam dizer quem foram os evangelistas, o que eram as epístolas ou qual o tema a que se reporta o livro *Atos dos apóstolos*.

* * *

Desde as eras mais remotas, nas civilizações mais antigas, o pensamento religioso humano está vinculado ao culto exterior.

Religião geralmente é sinônimo de presença nas igrejas, adoração de imagens, ritos e rezas, ofícios e oficiantes.

Ocorre com muitos cristãos.

Imaginam que ser religioso é simplesmente frequentar as igrejas, submeter-se às práticas ritualísticas, sem atentar ao manual.

Quem se disponha a ler pelo menos o *Sermão da Montanha*, capítulo especial, o mais belo poema da humanidade, onde está a síntese do pensamento de Jesus, encontrará a seguinte observação do Mestre (*Mateus*, 7:13 a 14):

Entrai pela porta estreita. Pois larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que entram por ela.

Mas estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e são poucos os que a encontram.

No Capítulo 18 de *O evangelho segundo o espiritismo*, o manual evangélico estudado à luz da Doutrina Espírita, diz Allan Kardec:

Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal.

É estreita a da salvação, porque a grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. É o complemento da máxima: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada.

Dizer que na Terra predomina o mal é observação arrojada. Afinal, podemos afirmar que apenas uma minoria da população está envolvida em atividades que podem ser enquadradas como maldosas.

No Brasil, a quantidade de presos é de aproximadamente 800 mil para uma população de perto de duzentos milhões.

Alguém diria que andam soltos por aí criminosos que mereciam estar na cadeia por furtos, estelionatos, corrupção, estupros, assassinatos, tráfico de drogas...

Assim considerando, vamos estender a estimativa para perto de vinte milhões de brasileiros que mereceriam ver o sol nascer quadrado, a partir das grades de uma prisão.

Mesmo assim, estaríamos longe desse maior número que envereda pelo caminho do mal.

Kardec estaria equivocado em sua afirmação?

De modo algum.

Está absolutamente correto, porquanto mal não é apenas o prejuízo imposto ao próximo quando o exercitamos.

É, sobretudo, o prejuízo que causamos a nós mesmos e à coletividade quando não exercitamos o bem, contrariando nossa filiação divina.

* * *

Segundo a gênese bíblica, fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Portanto, o que há em Deus no absoluto, existe em nós no relativo.

Em *O livro dos espíritos*, dentre os atributos divinos, Kardec fala que Deus é soberanamente Justo e Bom.

Ora, se o que há em Deus, no absoluto, existe em nós no relativo, só nos realizamos como seus filhos exercitando a justiça e a bondade.

E se não o fizermos, distraídos da responsabilidade de ler, estudar e cumprir o manual evangélico, espiritualmente estaremos demitidos das lides cristãs, ainda que nelas ocupemos cargo de proeminência.

Terceirização

Em praça pública, a senhora de meia idade, com quatro filhos pequenos, um em seus braços, pede auxílio.

O marido a abandonou, ela está doente, as crianças passando privações.

Um homem passa por ali e se condói.

Abre a carteira, estende-lhe alguns trocados e despede-se, proclamando, enfático:

— Deus a abençoe e proteja, minha irmã!

Por instantes, brilhou em seu coração uma réstia de amor, infiltrando-se no egoísmo humano.

Não obstante, consideremos, leitor amigo:

Amor inoperante!

Amor inútil!

Amor sem vergonha!

Arremedo de amor, que transferiu para Deus a iniciativa de ajudar de forma efetiva a sofredora senhora.

Ele deveria fazê-lo!

Superar a famosa zona de conforto.

Conversar com ela, anotar seu endereço, visitá-la, conhecer suas carências, mobilizar recursos em seu favor, até mesmo com uma orientação sobre órgãos públicos que poderiam atendê-la.

* * *

É impressionante como, sem constrangimento, damos encargos ao Pai Celeste:

Se alguém está em dificuldade:

— Deus o ajude!

Se alguém está enfermo:

— Deus há de curá-lo!

Se alguém está atormentado:

— Deus o ampare!

Se alguém tem problemas:

— Deus resolverá.

Até mesmo em assuntos de caráter pessoal, o mesmo comportamento:

Se alguém nos faz um favor:

— Deus lhe pague!

Se alguém nos causa prejuízos:

— Deus o castigue!

Se alguém nos magoa:

— Deus está vendo!

Seríamos bem mais eficientes no propósito de ajudar alguém se, ao invés de criar encargos para a Divindade, nos colocássemos a serviço do Senhor, medicando o doente, socorrendo o necessitado, consolando o aflito, perdoadando o ofensor, orando pelos que nos perseguem e caluniam, como ensinava Jesus.

* * *

Nunca ouvi alguém dizer que, atendendo às solicitações humanas, o Criador materializou-se e resolveu o problema, ou atendeu à sua fome,

entregando-lhe uma cesta básica...

Podemos afirmar que o Senhor não faz isso porque não pode?

Obviamente, não! É Onipotente.

Não sabe?

Claro que sabe! É Onisciente.

Não quer?

Absurdo! Deus é a misericórdia em plenitude.

Então não o faz por quê?

Podemos responder a essa pergunta lembrando uma observação de André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier, no livro *Ação e reação*: “Deus atende as criaturas por intermédio das criaturas”.

É fácil entender.

O grande desafio no atual estágio evolutivo é vencer o egoísmo, a tendência de pensarmos em nós mesmos, com alheamento em relação ao próximo.

Estamos na contramão do Universo, que é regido pela solidariedade, filha do amor.

Ao deixar à criatura humana o encargo de atender Seus filhos, Deus nos oferece os recursos para vencer o egoísmo e ao mesmo tempo nos transformarmos em instrumentos da Misericórdia Divina.

Quando nos preocupamos em servir o próximo, é Deus quem fala por nós, quem nos inspira, quem nos conduz, quem nos realiza no esforço do bem...

Dizia o Apóstolo Paulo, na exaltação da Fé (*Romanos*, 8:31): “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

A consciência da proteção divina é o grande apoio, o grande estímulo, oferecendo-nos força e coragem para enfrentar as atribulações do mundo.

Podemos fazer ainda melhor: estarmos com Deus, atrelando-nos aos programas da Misericórdia Divina.

Como?

É simples:

Basta fazer ao próximo o bem que gostaríamos de receber dele, como ensinava Jesus.

Amar e ser amado

A **jovem ama** ardentemente o noivo.

Tece ternos anelos de uma união maravilhosa.

Casamento perfeito, lar risonho e festivo, abençoado por prole numerosa.

Às vésperas do consórcio, o rapaz a deixa, dizendo que já não a ama.
Apaixonara-se por outra.

O golpe é terrível.

Todas as suas ilusões desmoronam, como um castelo de cartas.

Ela se deixa dominar pela angústia, perde a vontade de viver...

Debilita-se, adoece e morre.

Diria o poeta: morreu de amor!

Situação inversa.

O rapaz encontra a mulher de sua vida.

Estabelecem contato, namoram, ficam noivos...

Ele vive um clima de encantamento, ansiando pelo momento em que
realizará o ideal de viver com sua amada para sempre.

Ela parece não ter a mesma aspiração.

Deixara-se levar por entusiasmo passageiro, que diminuiu à medida que se
aproximavam as núpcias.

Finalmente decide romper o noivado.

Ele, inconformado, dominado por impulso homicida, toma de um revolver, dá-lhe vários tiros, assassinando-a.

Diria o poeta: matou por amor!

* * *

Sabemos, entretanto, caro leitor, que não há nenhuma poesia em lamentáveis iniciativas dessa natureza.

Ninguém morre ou mata por amor.

Pode fazê-lo por orgulho ferido, por vontade contrariada, por mágoa profunda, por desejo de castigar — jamais por amor.

Amar é querer o bem de alguém.

Que bem é esse do amante que se deixa morrer para fustigar a consciência do ser amado, ou que pune o outro com uma sentença de morte?

Infelizes!

Não sabem que prejudicam a si mesmos, complicando o futuro, não pelo mal que lhes fizeram, mas pelo mal que fazem a si mesmos com reações dessa natureza.

* * *

O problema é que raros amam de verdade.

O que se supõe amor, no estágio de evolução em que nos encontramos, dificilmente ultrapassa os limites da paixão.

Há diferenças fundamentais entre esses dois sentimentos.

A paixão situa-se no domínio dos instintos, busca apenas a autoafirmação.

Por isso jamais admite ser contrariada.

O amor, pelo contrário, situa-se nos domínios do sentimento, e só se realiza com o bem que possa estender ao ser amado.

Quem ama de verdade jamais mata ou se mata por amor, ainda que experimente frustrações.

* * *

Parecerá ingênuo esse argumento.

Ser traído e abandonado e ainda desejar o bem do traidor?

A não ser as mães, que exercitam a mais sublime manifestação de amor, tendo no bem do filho o próprio bem, como destaca Coelho Neto em poema famoso, raros seriam capazes de abençoar o responsável por uma frustração amorosa.

Se não temos a capacidade de exercitar esse amor, o Espiritismo nos ensina a exercitar a razão, partindo de noções elementares da Lei de Causa e Efeito: ninguém passa pelo que não merece e invariavelmente colhemos hoje o que semeamos ontem.

Se alguém nos frustra no presente, não tenhamos dúvida de que frustramos alguém no pretérito.

É uma experiência rude a enfatizar o que Jesus já nos ensinava — devemos fazer ao semelhante o bem que desejamos receber, o que implica não fazer contra ele o que não queremos para nós.

Refletindo em torno do assunto, talvez não tenhamos a evolução desejável para abençoar quem nos abandona, mas certamente teremos o discernimento necessário para evitar morrer ou matar por amor.

Se nossos sonhos não se concretizam, terão sido apenas ilusões. A desilusão é o cadáver da ilusão.

Tratemos de sepultá-lo logo, deixando o passado de lado e cogitando do futuro.

E se o coração estiver despedaçado, ante situações dessa natureza, Deus nos ajudará a juntar os cacos, sem deixar marcas, desde que nos disponhamos a seguir em frente, na luta ingente de nossa própria renovação.

Sobre Deus

O **orador, filósofo** e professor emérito, propôs-se a comprovar a existência de Deus.

Palestra erudita, plena de citações filosóficas e raciocínios sofisticados na defesa de sua tese.

Um velhinho, sentado na primeira fileira, o ouvia atento, revelando expressão perplexa ante aquele manancial de conceitos, abstratos, complexos, que literalmente davam nó em seu cérebro.

Terminada a exposição, quando o professor recebia os cumprimentos, o velhinho aproximou-se e informou:

— Moço, fiquei admirado com sua apresentação, mas devo dizer-lhe que, apesar de tudo o que afirmou, ainda acredito em Deus!

Literalmente, conforme o velho ditado, o tiro saiu-lhe pela culatra.

* * *

Em *O livro dos espíritos* há questões significativas sobre o assunto. Na de número quatro, o mentor espiritual nos oferece a mais objetiva e inteligente resposta sobre a presença de Deus.

Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra dos homens e a vossa razão responderá.

Perfeito!

Se o Universo é um efeito inteligente, muito acima do entendimento do homem, que se depara com novas maravilhas à medida que aprimora seus instrumentos de pesquisa, obviamente tem uma causa inteligente, tão complexa que é inacessível ao entendimento humano.

Conta-se que Santo Agostinho mergulhara em estudos sobre Deus, perdendo-se em divagações profundas.

Certa feita, andando por uma praia deparou-se com um garoto que, com uma caneca, retirava água de um buraco à beira-mar.

— O que faz você aí, menino? — perguntou-lhe.

— Estou secando este buraco.

O santo sorriu.

— Não vai conseguir, meu filho, porquanto sua caneca é muito pequena e o mar é muito grande.

No mesmo instante o menino transformou-se num anjo, que lhe disse:

— O mesmo acontece com tua pretensão de desvendar os mistérios divinos. Deus é muito grande e a tua cabeça é muito pequena.

* * *

Oportuna, a propósito, a questão 11 de *O livro dos espíritos*:

Será dado ao homem compreender o mistério da divindade?

Quando seu espírito não mais estiver obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, então o verá e o compreenderá.

Certamente, com alguns milhões de anos de estrada, na caminhada evolutiva, teremos condições para resolver essas questões, a partir de nosso encontro com o Senhor.

Não obstante, cultivando valores espirituais, de forma a sensibilizar nossa alma, podemos adiantar um pouco o assunto, habilitando-nos, talvez, a sentir

a Presença Divina, como ressalta o poeta José Soares Cardoso em seu maravilhoso poema *Onde está Deus?*

— Onde está Deus? Pergunta o cientista.

Ninguém O viu jamais. Quem Ele é?

Responde, às pressas, o materialista:

— Deus é somente uma invenção da fé!

O pensador dirá, sensatamente:

— Não vejo Deus, mas sinto que Ele existe!

A Natureza mostra claramente

Em que o poder do Criador consiste.

Mas o poeta dirá, com a segurança

De quem afirma porque tem certeza:

— Eu vejo Deus no riso da criança,

No céu, no mar, na luz da Natureza!

Contemplo Deus brilhando nas estrelas,

No olhar das mães fitando os filhos seus,

Nas noites de luar claras e belas,

Que em tudo pulsa o coração de Deus!

Eu vejo Deus nas flores e nos prados,

Nos astros a rolar pelo infinito,

Escuto Deus na voz dos namorados

E sinto Deus na lágrima do aflito!

Percebo Deus na frase que perdoa,

Contemplo Deus na mão que acaricia.

Encontro Deus na criatura boa

E sinto Deus na paz e na alegria!

Eu vejo Deus no médico salvando,
Pressinto Deus na dor que nos irmana,
Descubro Deus no sábio procurando
Compreender a natureza humana.
Eu vejo Deus no gesto de bondade,
Escuto Deus nos cânticos do crente.
Percebo Deus no sol, na liberdade
E vejo Deus na planta e na semente!
Eu vejo Deus, enfim, por toda parte,
Que tudo fala dos poderes seus,
Descubro Deus nas expressões da Arte,
No amor dos homens também sinto Deus!
Mas onde eu sinto Deus com mais beleza,
Na sua mais sublime vibração,
Não é no coração da natureza,
É dentro do meu próprio coração!

Perfeito!

E se quisermos fazer melhor, atentemos querido leitor, a pequeno poema de poeta anônimo:

Busquei minha alma,
Mas não a pude encontrar...
Busquei o senhor meu Deus
E Ele manteve-se afastado de mim...
Busquei o próximo
E encontrei os três!

O destino de nossa família

Edmondo de Amicis, escritor italiano, dizia: “O destino de muitos homens dependeu de ter havido ou não uma biblioteca na casa paterna”.

Interessante ideia.

Enseja indagações pertinentes.

Fazia parte de nosso destino haver livros capazes de nos influenciar, em nosso lar, nos verdes anos?

Ou foi a partir da existência deles que se forjou nosso destino?

Se ficarmos com a primeira hipótese, deveremos admitir que tê-los em casa independe de nossa vontade.

Se aprouver aos poderes divinos que nos regem, ficaremos distanciados do maravilhoso mundo que se esconde em páginas capazes de forjar um bom destino.

Certamente a segunda ideia é mais compatível com a boa lógica.

Ter livros em casa é sábia opção.

Portanto, podemos influir decisivamente em nosso próprio destino e no destino dos nossos, a partir de elementar iniciativa: cultivar o saudável hábito da leitura, compondo uma biblioteca doméstica.

Atente, leitor amigo, a alguns pensamentos notáveis sobre os livros:

São os livros os mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à força de tratar com

peessoas honestas e virtuosas se adquirem, insensivelmente, os seus hábitos e costumes, também à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam. – PADRE ANTÔNIO VIEIRA.

Daqui a cinco anos você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se aproximar. – CHARLES JONES, escritor americano.

A leitura é a viagem dos que não podem pegar o trem. – FRANCIS DE CROISSET, dramaturgo francês.

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem. – MARIO QUINTANA, escritor e poeta brasileiro.

* * *

Atenção, leitor amigo: importante que não sejam livros comprados a metro, como objetos de decoração.

Fica sofisticada e atraente uma biblioteca adornada com encadernações luxuosas e multicores, simetricamente dispostas.

Mas, e o conteúdo?

O francês Scholl é contundente: “Nada há que mais se pareça com um idiota, quando está elegantemente vestido, do que um mau livro luxuosamente encadernado”.

Também não devem ser quaisquer livros, desses que frequentam as listas de best-sellers, catapultados por resenhas encomendadas, plenos de vacuidade, muito vendidos, pouco apreciados, logo esquecidos.

Proclama Sidney Smith: “Um best-seller pode ser o sepulcro dourado de um talento medíocre”.

* * *

O livro ideal tem características marcantes.

Satisfaz às aspirações estéticas e necessidades éticas.

Ao prazer da leitura soma-se o apelo à consciência.

Conteúdo instigante e educativo. Faz pensar, acrescenta saber.

— É o livro espírita! — enfatizará o confrade entusiasmado com a vasta literatura em torno do Espiritismo.

Realmente, diríamos que temos nas obras doutrinárias a literatura do sublime, oferecendo-nos um amplo painel das realidades espirituais, das leis que nos regem, de nosso glorioso destino...

Importante reservar em nossa biblioteca um espaço generoso para os livros espíritas, à disposição dos familiares e amigos, atendendo todos os gêneros literários, gostos e faixas etárias, obviamente com o cuidado de selecionar os bons autores, porquanto também em nossos arraiais há os que têm pouco a dizer e o fazem muito mal.

Assim estaremos contribuindo para que nossos filhos forjem um bom destino, a partir de iniciativas voltadas para o bem e para a verdade, sob inspiração dos abençoados princípios codificados por Allan Kardec.

E haverão de trilhá-lo com alegria, se conseguirmos estimulá-los ao amor pela leitura, como destaca Anthony Trollope:

O amor pelos livros, meus amigos, é o seu passo para a maior, a mais pura, a mais perfeita satisfação que Deus preparou para as suas criaturas.

Dura quando todas as outras satisfações perdem o viço.

Sustenta-nos quando todas as outras recreações desaparecem.

Durará até a nossa morte.

Fará nossas horas agradáveis, enquanto vivermos.

Terapia literária

Falando em livros, você conhece a biblioterapia, leitor amigo?

Veja a definição do Houaiss: “Emprego de livros e de sua leitura no tratamento de distúrbios nervosos”.

Já pensou nisso? Leitura como recurso terapêutico?

Na Inglaterra, a biblioterapia faz parte da política pública de saúde, no tratamento de variados distúrbios mentais, particularmente a ansiedade e a depressão.

É uma questão de tempo para que psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, que cuidam das emoções, visando o equilíbrio da mente humana, comecem a incluir em seu receituário leituras diárias e reflexões em torno de textos que ajudem a colocar ordem na casa mental.

Alertam os especialistas quanto aos cuidados para o receituário biblioterápico.

Não podemos sugerir texto de horror a quem sofre da síndrome de pânico, livro erótico à portadora de ninfomania, ou romance de desventuras ao deprimido.

* * *

Capítulo especial nesse contexto: livros de autoajuda, vendidos aos milhões, o ramo editorial mais lucrativo na atualidade.

Os autores atiram em todas as direções: como ficar rico, como ajustar a família, como lidar com a morte de entes queridos, como fazer sucesso, como

conquistar a fé, como vencer a enfermidade, num contexto em que o ser feliz é o objetivo primeiro.

Críticos dizem que funcionam como meros placebos, substâncias inócuas, que só fazem efeito nos leitores ingênuos, interessados em fórmulas de felicidade.

Essa literatura oferece sugestões de comportamento decantadas como infalíveis, sem abordar o essencial: o ajuste de nossa personalidade às realidades existenciais, compreendendo que a felicidade não está subordinada à satisfação de nossos desejos diante da Vida, mas ao desejo de compreender o que a Vida espera de nós.

Não há como negar, entretanto, que, embora distanciados da realidade espiritual, os livros de autoajuda abordam assuntos positivos, edificantes, ressaltando valores éticos, o que nem sempre acontece com a literatura, digamos, de vanguarda.

Grandes autores destacam-se como virtuosos da palavra, mas não raro veiculam ideias perturbadoras, como Goethe, gênio alemão, no livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, que exalta o suicídio como solução para amores não correspondidos.

O livro favoreceu uma autêntica epidemia de suicídios entre jovens de forte tendência passional e de frágil discernimento.

Não obstante, será sempre preferível empregar o tempo com livros de autoajuda do que perder a vida com um comportamento inconsequente e vicioso.

* * *

Nesse aspecto, há uma biblioterapia incomparável na literatura espírita, que nos oferece o que nenhum livro de autoajuda possui: uma visão de onde viemos, o que fazemos na Terra e para onde vamos.

E, num contexto maior, as respostas claras e objetivas às dúvidas que costumam perturbar particularmente os religiosos, porquanto colocam em xeque as apregoadas justiça e bondade de Deus.

- Por que há torturantes sofrimentos na Terra?
- Por que morrem as crianças?
- Por que há graves doenças congênitas?
- Por que há tantos desentendimentos nos lares?
- Por que fenômenos naturais dizimam populações?
- Por que há quem nasce bom e quem nasce mau?
- Por que não se entendem os homens?

A lista iria longe, mas nenhuma dúvida deixará de ser dirimida pela Doutrina Espírita, a enunciar leis que regem nossa evolução, como reencarnação, causa e efeito e mediunidade, proporcionando-nos o bem mais precioso, fundamental ao equilíbrio e à paz: a segurança de viver.

E haverá tratamento mais eficiente para as angústias existenciais do que a explicação clara e objetiva dos porquês da existência humana?

Abençoada biblioterapia espírita!

Uma outra comemoração

Recordo tradições cristãs que remontam à Idade Média.

Primeiro de novembro é o Dia de Todos os Santos.

Celebra-se gente que fez a diferença na construção de um mundo melhor.

Em dois de novembro, o Dia dos Mortos, são celebrados, independente de seus méritos, os que partiram desta para melhor, ou pior, se assim o mereceram...

Convertidas em festas religiosas, sob a denominação de Finados, nessas duas datas há a romaria aos cemitérios, a visita aos defuntos.

E os espíritos?

Na questão 321, de *O livro dos espíritos*, pergunta Kardec:

O dia da comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais solene do que os outros dias? Apraz-lhes ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

Resposta: Os Espíritos acodem nesse dia ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer.

Kardec volta a interrogar, dando sequência à questão:

Mas o de finados é, para eles, um dia especial de reunião junto de suas sepulturas?

Resposta: Nesse dia, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque então também é maior, em tais lugares, o das

peessoas que os chamam pelo pensamento. Porém, cada Espírito vai lá somente pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.

As informações que André Luiz oferece sobre a vida espiritual, na psicografia de Chico Xavier, desdobram essas noções sintéticas, alertando-nos sobre não ser dos mais recomendáveis o ambiente dos cemitérios.

Ali estagiam Espíritos perturbados, que, à semelhança de vampiros, sugam os resíduos de fluido vital dos corpos em decomposição, e também Espíritos despreparados para a grande transição, que permanecem por algum tempo imantados ao próprio cadáver.

Recém-desencarnados, ainda não adaptados à Vida Espiritual, não raro inconscientes, não se sentirão à vontade ali, quando atraídos pela lembrança saudosa dos familiares que fazem do cemitério uma sala de visitas do Além, buscando contato com eles.

É de mau gosto marcar encontro com os mortos no cemitério.

Imaginemos o filho que se mudou para longe e vem nos visitar.

Planejaríamos o mesmo, em conversa telefônica?

— Filho, espero por você junto ao túmulo da família...

Melhor lembrar nossos amados que se foram em nossa casa, enfeitando o lar com as flores que levaríamos à cidade dos pés juntos.

Certamente hão de preferir assim.

Virão até nós, felizes por terem sido lembrados, eles que nunca nos esquecem.

Poderemos até, se sensibilidade mediúnica possuírmos, contemplá-los.

Se isso não ocorre com maior frequência é porque as pessoas têm o mau costume de situar os mortos como fantasmas.

— Gosto muito de meu pai, mas que não me apareça!

— É seu pai!

— Não! É assombração!

* * *

À medida que diminui o tempo que nos resta na jornada humana e se tornam mais numerosas as plaquetas de identificação no túmulo da família, somos convidados a refletir sobre a efemeridade da vida física.

Tanta gente se foi!...

Amigos e familiares partiram, atendendo à convocação da morte; outros tantos partirão nos próximos anos.

Chegará, também, a nossa hora.

Como ela age feito um ladrão, ninguém sabe quando virá, seria conveniente que indagássemos a nós mesmos, diariamente:

Se aprover ao Senhor enviar-me a irredutível mensageira, impondo-me o retorno, simbolicamente serei lembrado como gente do primeiro de novembro, santificado pelas ações, pelo empenho de renovação e serviço no Bem?

Ou estarei no imenso contingente do dois de novembro? Aqueles por quem oramos sob inspiração das ligações afetivas, mas que não fizeram nenhuma diferença e, não raro, levaram comprometimentos morais e espirituais?

É bom pensar nisso, amigo leitor, tendo sempre presente a frase com que os frades trapistas da Tebaida saudavam os companheiros:

Memento mori!

Lembra-te de que vais morrer!

Mais para menos

As **religiões em** geral condenam o aborto induzido, por considerá-lo altamente comprometedor.

É situado como crime de lesa-natureza, um assassinato intrauterino, passível de impor sofrimentos purgatoriais à gestante que a ele se submete.

O Espiritismo avança nesses esclarecimentos, explicando que mulheres que reduzem a concepção a uma situação descartável habilitam-se a sérios problemas, a partir de lesões em seus centros genésicos.

Esterilidade, frigidez sexual, fibromas, câncer uterino, depressão e obsessão, são alguns deles, a se manifestarem na vida atual ou em existência futura.

Quando esclarecidas sobre o assunto, confreiras assustadas indagam o que podem fazer para redimir-se.

Recordo uma observação feliz de Simão Pedro, o grande Apóstolo de Jesus (*I Pedro*, 4:8): “Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros; porque o amor cobrirá uma multidão de pecados”.

Deus nos oferece duas moedas para resgate de nossos débitos cármicos, a fim de nos ajustarmos: a dor e o amor.

A primeira é a agente da Justiça Divina, disposta a cobrar até o último centavo de nossos débitos.

Melhor usar a moeda do amor, vinculada à Divina Misericórdia, que se exprime nas virtudes evangélicas.

A regra é simples: quanto mais amor, menos dor.

A dor sempre virá intensa, se não usarmos a primeira opção.

Assim, a mulher que se comprometeu no aborto pode perfeitamente amenizar seus débitos, adotando uma criança, trabalhando numa creche, num hospital infantil, atendendo a crianças pobres...

Muito se pode fazer pelos carentes de todos os matizes, a fim de não sofrermos as cobranças da dor quando contrariamos as Leis Divinas.

* * *

Há situações interessantes.

Certa feita entrevistei uma senhora recém-convertida ao Espiritismo.

Dizia-se angustiada.

Ao engravidar do quinto filho ficara revoltada com a displicência do marido.

Exercitando o raciocínio torto dos machistas incorrigíveis, alheios aos cuidados paternais, dizia-lhe que competia a ela cuidar dos filhos. Ele trataria dos negócios.

Por isso, sem mesmo consultá-lo, procurou uma clínica clandestina e submeteu-se ao aborto.

Agora, convertida ao Espiritismo, com a consciência pesada, estava temerosa das consequências, cogitando de como fazer para redimir-se.

Perguntei-lhe como fora sua vida após a quinta gravidez.

Respondeu que desistira de novos abortos e tivera mais três filhos, estando agora com sete.

Então, considerando que já fui padre em existência pregressa, conforme ouvi de mentores espirituais, disse-lhe solenemente:

— Seus pecados estão perdoados!

Fique tranquilo, leitor amigo, cioso da fidelidade aos princípios espíritas.

Não pretendo reviver pregressa e tardia vocação sacerdotal.

Apenas quis frisar que seu comprometimento com o aborto fora superado pela disposição em receber três Espíritos no regaço materno.

E mais: provavelmente o filho abortado fora um deles.

* * *

“Misericórdia quero e não sacrifício”, disse Jesus, lembrando o Profeta Oseias (*Mateus*, 9:13).

Deus é nosso pai e como tal não nos impõe sofrimentos inevitáveis pelos males praticados, desde que nos compadeçamos dos males alheios, dispostos a atenuá-los.

Mortos-vivos

Eram perseguidos sem tréguas por homens e mulheres de expressão ameaçadora, andar cambaleante, olhos vidrados...

Situavam-se como mortos que houvessem deixado a tumba para assombrar os vivos.

Quando conseguiam imobilizar uma vítima, precipitavam-se sobre ela, empenhados em devorá-la viva, num ato horripilante de antropofagia, com preferência para a massa encefálica.

Era uma luta desigual, porque, quanto mais eram abatidos a tiros e bombas, mais surgiam, em hordas intermináveis e sinistras.

Era preciso fugir sempre, buscar esconderijos recônditos, escapando do horripilante fim.

* * *

Imagens dessa natureza estão em moda, em entediante repetição, marcando presença em livros, séries de tevê, filmes, videogames, sempre enfocando a tenebrosa ação de sinistros mortos-vivos a ameaçar remanescentes humanos.

Segundo o roteiro original, essas criaturas monstruosas foram, outrora, seres humanos, vitimados por um vírus extremamente agressivo e de fácil propagação, que destruía sua humanidade.

* * *

Embora de péssimo gosto, lugar de destaque no bestialógico que domina o cinema atual, essas fantasias rendem bem, merecendo até mesmo a atenção e o investimento de diretores e produtores de destaque.

Pergunto-lhe, caro leitor:

Não lhe parece que o sucesso dessas horripilantes histórias lembra uma realidade apresentada pela Doutrina Espírita ao tratar da interação entre o mundo físico e o espiritual, a Terra e o Além?

Não posso dizer que a arte estaria imitando a vida, já que não há nada de artístico nessas produções, mas esses seres fantasmagóricos não lhe recordam nada?

Segundo a Doutrina Espírita, somos rodeados por Espíritos desencarnados.

O Mundo Espiritual não é um compartimento estanque, em remota região sideral.

Trata-se de uma projeção do plano físico.

Começa exatamente onde estamos e aqui permanecem todos aqueles que, libertando-se dos laços da matéria, não têm o preparo necessário, a leveza espiritual indispensável para alçarem-se a planos mais altos.

Situam-se presos às regiões umbralinas, o purgatório espírita descrito por André Luiz, nos monumentais livros psicografados por Francisco Cândido Xavier.

Um detalhe: o Umbral situa-se como mera projeção da crosta terrestre e aqui permanecem todos aqueles que, libertando-se dos laços da matéria pelo fenômeno da morte, permanecem presos ao imediatismo terrestre.

Constituem a vasta nuvem de testemunhas, como diz o Apóstolo Paulo (*Hebreus*, 12:1).

Desprovidos do corpo físico, perseguem as criaturas humanas, pretendendo transformá-las em instrumentos para saciar seus vícios e paixões.

São autênticos mortos vivos.

Pretendem viver como se encarnados estivessem.

Imitando a ficção, a preferência pela massa encefálica de suas vítimas é bastante significativa, porquanto o maior empenho de Espíritos nessa condição é *devorar* o cérebro humano, isto é, dispor da vontade das pessoas, induzindo-as a um comportamento compatível com seus desejos.

* * *

No desdobramento dessa ficção há o empenho dos mocinhos, o pessoal do bem, em descobrir uma vacina que evite a contaminação do vírus.

A ficção, mais uma vez, imita a realidade.

Existe uma vacina, sim, que impedirá sejamos contaminados pela influência dos mortos-vivos.

Não é uma substância a ser ingerida, mas um comportamento a ser adotado, baseado na questão 469, de *O livro dos espíritos*, quando Kardec pergunta: “Como podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?”.

Responde o mentor espiritual, incisivamente: “Praticando o bem e pondo em Deus a vossa confiança”.

Imperioso lembrar sempre: a ação dos Espíritos sobre nós está subordinada ao fator sintonia, determinado por nosso comportamento.

Os mortos que insistem em agir como vivos só podem *devorar* nosso cérebro, isto é, dominar-nos, induzindo-nos a fazer o que desejam, no terreno do vício e do desregramento, se estivermos sintonizados com eles.

Elegendo outras prioridades, acima dos interesses imediatistas, vícios e paixões cultivados pelo homem comum; se deixarmos a condição de mortos, sepultados no imediatismo terrestre, e buscarmos a condição de vivos para a virtude e o empenho de comunhão com a divindade, estaremos protegidos.

Poderemos ainda, com nosso exemplo, exercitando a caridade com eles, operar o prodígio de favorecer sua ressurreição como seres humanos, Espíritos imortais.

São, antes de tudo, filhos de Deus.

Como tais, ainda que transviados, deverão forçosamente, mais cedo ou mais tarde, por moto próprio ou estimulados pela dor, retornar aos roteiros do bem, a caminho, como todos nós, de gloriosa destinação.

Até que isso aconteça, é importante cuidemos de combater imperfeições e mazelas, para que não engrossemos suas fileiras quando a morte nos transferir para o Além.

Resiliência

Você sabe o que é resiliência, amigo leitor?

Se ignora, fique tranquilo, não está sozinho. A língua portuguesa tem perto de quatrocentas mil palavras e geralmente as pessoas usam, quando muito, alguns milhares.

Quanto à citada, há duas definições no Houaiss:

Na física.

Propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original, após terem sido submetidos a uma deformação elástica.

Vem do inglês *resilience*, que significa elasticidade.

Apertamos uma mola, por exemplo, e, ao eliminarmos a pressão, ela retorna à forma original. Esticamos um elástico e ocorre o mesmo tão logo o soltemos.

Em sentido figurado.

Capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à sorte ou às mudanças.

Interessa-nos essa segunda acepção.

Nas lutas de boxe há uma expressão que lhe guarda referência: assimilar o golpe.

É o lutador que recebe um soco violento e logo se recupera, sem sofrer danos ou com dano mínimo, que não o impeça de continuar no ringue.

Rocky Balboa, o boxeador interpretado por Sylvester Stallone no cinema, era o lutador que apanhava muito e ganhava a luta, porque capaz de assimilar sucessivos golpes do adversário, levando-o à exaustão.

* * *

O que torna as pessoas desajustadas e infelizes não são os golpes da Vida, próprios deste planeta de provas e expiações em que estagiamos.

São afetadas pela dificuldade em assimilá-los, de forma a manter o equilíbrio e a serenidade, em situações como:

Morte do ente querido.

Demissão do emprego.

Doença grave.

Limitação física.

Desilusão amorosa.

Prejuízo financeiro.

O boxeador treina exaustivamente, desenvolvendo os músculos, a agilidade, o fôlego, a técnica, a fim de assimilar os golpes do adversário, mantendo o vigor físico.

Existencialmente, é importante desenvolver a resiliência, a fim de que, ante os golpes da Vida, não desabemos na perturbação e no desequilíbrio, com todas as reações que lhe são consequentes: enfermidade, depressão, angústia, ansiedade, infelicidade...

O treinamento em favor desse propósito implica três disciplinas fundamentais: o estudo, a reflexão e a solidariedade.

O estudo da Doutrina Espírita nos oferece uma visão objetiva dos porquês da existência humana, particularmente aqueles que nos afetam, nos deixam perplexos e desajustados.

A visão da Vida Espiritual como nossa pátria legítima, para onde retornaremos todos, quando chegar nossa hora, e onde reencontraremos os

entes queridos que nos precederam, faz do Espiritismo aquele maravilhoso consolador prometido por Jesus.

Não basta, porém, esse conhecimento.

Já vi Espíritas literalmente desabarem no desequilíbrio em situação dessa natureza.

Aqui entra a segunda disciplina no treinamento: a reflexão, para que os princípios espíritas não sejam apenas uma ideia vaga, distante...

Que ganhem espaço nas entranhas de nossa Alma, ajudando-nos a raciocinar como seres imortais, em jornada evolutiva no mundo físico.

Um confrade, estudioso da Doutrina Espírita, exercitando a reflexão em torno dos eventos humanos, avaliava a possibilidade de que um filho viesse a antecê-lo no retorno à espiritualidade, o que acabou acontecendo num acidente.

Seu empenho nesse particular permitiu-lhe manter a serenidade, confortando e ajudando outros familiares chocados com o acontecimento.

Sem dúvida, o estudo e a reflexão são fundamentais para que tenhamos *um pé atrás*, considerando que vivemos num planeta onde coisas más podem acontecer também aos homens de bem, que não o terão sido em pretéritas existências ou não estariam mourejando aqui.

Completando a tríade, temos a solidariedade, a capacidade de sentir a dor alheia e trabalhar por aliviá-la, o que implica a disposição de socorrer os sofredores de todos os matizes, elegendo o bem do próximo como inspiração da existência.

Cumprindo as três disciplinas — estudo, reflexão e solidariedade —, conquistaremos abençoada resiliência, sem espaço em nossa mente para perturbações e desajustes quando chegar nosso tempo de purgação.

Ao pó voltará

Em 1974 foi inaugurado, em Vila Alpina, São Paulo, o primeiro forno crematório do Brasil.

Desde logo beneficiou-se de uma propaganda gratuita com a cremação de pessoas destacadas no contexto social, particularmente artistas como Manoel da Nóbrega, Carlos Zara, Paulo Autran, John Herbert, Antônio Abujamra, uma classe aparentemente sem temores ou restrições de ordem religiosa.

Hoje se multiplicam os fornos crematórios em nosso país, estendendo-se a prática a todas as classes sociais, inclusive figuras políticas ilustres, como José Alencar, ex-vice-presidente da República, e Itamar Franco, ex-presidente e senador.

Mereceu destaque a cremação de Jorge Amado em 2001, cujas cinzas foram espalhadas no jardim de sua casa, em Salvador, o mesmo acontecendo com os restos mortais de sua esposa, a escritora Zélia Gattai, em 2008.

Razões econômicas tendem a popularizar a cremação.

Fica mais barato.

Sepultar conjuga o preço do terreno na cidade dos mortos, taxas de administração, despesas de limpeza e conservação.

Na cidade de São Paulo, onde o forno crematório de Vila Alpina é administrado pela prefeitura, há gratuidade para famílias pobres.

Para famílias abastadas, abrem-se incríveis possibilidades, como transformar as cinzas cadavéricas em diamante.

Há gosto para tudo, inspirando expressões assim, na viuvez apaixonada:

— Meu marido é uma joia! — literalmente.

* * *

Sob o ponto de vista prático, justifica-se plenamente a cremação.

O espaço ocupado pelos cemitérios é um grande problema para as metrópoles.

Na China o governo está tornando-a obrigatória por uma simples razão: morrem, anualmente, 12 milhões de chineses.

É muita gente para sepultar, ocupando imensas áreas que seriam mais bem aproveitadas.

No Japão, de população menor, mas com espaço extremamente reduzido, a cremação atinge quase todos os defuntos. Raríssimos são sepultados.

Há a questão da contaminação freática, que ocorre com o sepultamento.

A decomposição dos corpos libera diversos metais que formam o organismo humano, formando o necrochorume, um líquido viscoso, de coloração castanho-acinzentada, que pode penetrar o lençol freático.

Na cremação, os gases produzidos são tratados de modo a não poluir o ar, e a dispersão das cinzas não atinge o lençol freático.

Por ocasião de epidemias, a cremação é o melhor recurso para evitar contaminação, porquanto o cadáver situa-se como criadouro dos vírus que as produzem.

Em países da África, assolados pelo Ebola, vírus extremamente agressivo, com alto índice de mortes entre os afetados, a cremação dos pacientes vitimados é obrigatória.

* * *

Perguntará o leitor:

E sob o ponto de vista espírita, que dizer da cremação?

Eu diria que é uma ótima iniciativa para acabarmos com o culto aos cadáveres, sustentado por frequentadores assíduos dos cemitérios, a cogitarem de encontro com os familiares mortos.

Católicos, evangélicos, budistas, muçulmanos, hinduístas, somos todos espiritualistas, concebemos a existência e sobrevivência do Espírito, que obviamente não mora no cemitério.

Lá repousam apenas seus despojos carnis em decomposição.

Quando nos lembramos dos mortos queridos, entramos em contato com eles pela sintonia do coração.

Eles vêm até nós, atraídos por nossa lembrança.

Por que marcar encontro no cemitério?

Seria razoável fazer o mesmo com um filho que transferiu residência para outra cidade?

Se quisermos reverenciar e homenagear o morto, cultuemos sua memória, em datas significativas, no ambiente doméstico, colocando-nos em oração, enfeitando o lar com as flores que levaríamos ao cemitério.

Ele certamente ficará feliz por ser lembrado no lar, não junto à sua ossada.

Uma única dúvida a respeito da cremação, sob o ponto de vista espírita: sabemos que não há simultaneidade entre morrer e desencarnar.

Morremos quando o coração para de bater, mas só desencarnamos quando se completa o desligamento do corpo, o que pode delongar-se por horas e até dias.

Assim sendo, não será prejudicial ao Espírito a cremação, se ele ainda estiver ligado?

Certamente sim, além de lhe passar a sensação desagradável de que está no Inferno, quando imbuído da crença na morada do diabo, de calores infernais...

Esse problema é resolvido pela conhecida recomendação de Emmanuel, transmitida por Francisco Cândido Xavier: esperar três dias.

Nesse prazo normalmente o Espírito estará desligado.

Nos fornos crematórios não há problema. Espera-se pelo tempo que a família desejar, resguardado o cadáver em câmaras frigoríficas.

Os espíritas, atendendo à recomendação de Emmanuel, pedem esse prazo para a cremação.

Nessa situação a instituição funciona como hotel para o defunto, diárias pagas pela família.

Preço razoável.

Não há refeições...

* * *

Obviamente, amigo leitor, o que realmente interessa em relação ao desligamento, no retorno para o Além, não é a forma de tratar do corpo, mas o tratamento que damos à alma, cultivando valores do bem e da verdade.

Se nisso empenharmos nossa existência, estaremos amparados e tranquilos, independente do que façam ao nosso corpo, que é pó e ao pó voltará, conforme a expressão bíblica.

Evocações

Ao estudar a segunda parte de *O céu e o inferno*, admiramos a quantidade de evocações feitas por Kardec. A maior parte das manifestações inseridas atendeu a esse sistema.

Por que, perguntará o leitor, não vemos essa prática no movimento espírita brasileiro?

Ocorre que a evocação, ou seja, convocar um Espírito para que se apresente numa reunião mediúnica, apresenta várias dificuldades. Dentre elas:

a) A disposição de atender. Imaginemos que solicitássemos a determinada pessoa, via e-mail, sua presença numa reunião. Estaria ela disposta a aceitar o convite? Se convocássemos o presidente da República. Ele viria?

b) A possibilidade de atender. Estaria ele em condições de comparecer? Imaginemos o Espírito evoluído, com tarefas de responsabilidade no Além. Deixaria seus afazeres? E se trancado nas furnas umbralinas, diante de seus comprometimentos, conseguiria evadir-se?

c) A condição para atender. Haveria um médium capaz de receber com fidelidade seu pensamento, de forma que familiares e amigos pudessem identificá-lo, sem alimentar dúvidas?

Não é simples como se possa supor.

No capítulo 25, de *O livro dos médiuns*, quando trata do assunto, respondendo a uma indagação de Kardec sobre o fato de que animais evocados supostamente manifestam-se em reuniões mediúnicas, diz o

mentor: “Evoque um rochedo e ele responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a falar sobre tudo”.

Aqui entram dois problemas sérios:

a) Um mistificador poderá manifestar-se simulando ser a personalidade evocada.

b) O próprio médium, em ação anímica, poderá falar como se fosse a entidade.

Diga-se de passagem, independente de evocação, há médiuns recebendo figuras ilustres, dando publicidade a ideias que têm origem em mistificadores ou no animismo.

Perguntará o leitor amigo:

Se a evocação é tão complicada, envolve tantos problemas, por que Kardec a utilizou com larga frequência?

Bem, vamos conceber em princípio que o trabalho do Codificador foi de pesquisa, com o concurso de médiuns de ótimo potencial e de uma equipe respeitável que o assistia do Mundo Espiritual, formada por Espíritos luminares.

Então, replicará você, se for para pesquisa podemos fazer evocações?

Sim, se houver competência para isso, com isenção de propósitos e com ótimos médiuns, ambiente salutar, formado por pessoas responsáveis e disciplinadas, atendendo ao aspecto científico da Doutrina.

Oportuno considerar, entretanto, que na atualidade precisamos menos de pesquisa e mais de ação na divulgação e vivência dos princípios espíritas.

Lembremos Emmanuel, no livro *O consolador*, questão 369:

Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.

Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no Plano Espiritual.

Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o

avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina.

O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Sonífero inoportuno

Comenta amável leitor a dificuldade que experimenta em palestras espíritas: as pálpebras pesam, bocejos correm soltos, o sono é incontrolável...

E indaga: seria influência espiritual?

Antes de cogitar dessa causa, é preciso saber se sentimos sono vendo um programa de televisão, lendo um romance policial, assistindo a um filme de aventuras, apreciando o noticiário do jornal...

Caso positivo, o problema pode ser definido como narcolepsia, sono incontrolável que nos acomete, passível de ser tratado por profissionais de saúde.

Pode haver outras origens, como cansaço, por exemplo, que sempre inibe a atenção, mas nada que um repouso prévio ou uma xícara de café não resolvam.

Há outro aspecto a ser considerado.

Embora algumas palestras possam agir como narcóticos por mal estruturadas e pior apresentadas, essa dificuldade é mais decorrente da falta de interesse do ouvinte.

Sofre a influência de seu próprio Espírito, pouco afeito a assuntos espirituais.

* * *

Descartadas aquelas possibilidades, suponhamos que inconveniente acompanhante do Além, desejoso de nos complicar a vida, por vingança,

diversão ou dominação, encare com preocupação nossa iniciação espírita, a nos facultar mudança de padrão vibratório que nos desligará dele.

Certamente fará de tudo para nos impedir. E aqui passo a palavra ao consulente:

— Imagino que toda vez em que cogitar dessa iniciação, o obsessor estará ao meu lado, perturbando minha atenção, aplicando magnetismo sonífero.

Boa tentativa, mas não é bem isso.

O obsessor não é um acompanhante persistente a buzinar o tempo todo suas ideias sinistras ou a envolver-nos fluidicamente para inibir nossas iniciativas.

Isso é complicado, porquanto, durante a vigília, mente ocupada com assuntos do dia a dia, fica difícil ao obsessor esse procedimento, a não ser que o obsidiado entre em circuito fechado, empolgado com determinado assunto ou sentimento, incapaz de pensar noutra coisa.

O marido cultiva ciúme doentio e injustamente desconfia da fidelidade da esposa, um modelo de virtude.

Fixando sua mente nessa dúvida, abrirá brechas ao obsessor para que lhe sugira traições infamantes, a atormentá-lo, induzindo-o a cometer desatinos.

Emmanuel adverte: a escuridão obsessiva começa nas manchas escuras que cultivamos em nossa mente.

* * *

Falando de situação menos preocupante, embora igualmente inconveniente, quando o obsessor quer impedir nossa iniciação espírita costuma usar a sugestão pós-hipnótica.

Como sabemos, durante as horas de sono ocorre o que Kardec chamava de emancipação da alma. O corpo dorme, necessitado desse alimento indispensável, como definem os cientistas, mas a alma, menos carente dessa nutrição, pode transitar pela espiritualidade, desenvolvendo atividades correspondentes às suas tendências, desejos e aptidões.

No Mundo Espiritual podemos encontrar Espíritos amigos, afetos caros ao nosso coração, mas somos, também, influenciados por malfeitores.

Podemos até definir o que andamos fazendo no Continente Espiritual simplesmente analisando nosso despertar.

Acordamos tranquilos, descansados, em paz com a Vida? Ótimo!

Estivemos amparados por familiares e amigos.

Acordamos nervosos, irritados, chutando lata logo cedo? Cuidado! Estivemos em má companhia!

Com relação à problemática da atenção, ocorre com frequência o seguinte: o Espírito nos envolve durante as horas de sono, submete-nos a sugestões do tipo: quando você ler ou ouvir algo relacionado com o Espiritismo vai experimentar sono incontrolável.

Esse condicionamento não é permanente.

Deve ser realimentado. Pode, portanto, ser superado com o nosso empenho de renovação, buscando um comportamento compatível com os princípios do Espiritismo Cristão, que melhora nosso padrão vibratório, isentando-nos desse tipo de envolvimento.

Até que o superemos, podemos melhorar nossa atenção e afugentar o sono fazendo anotações.

Tudo o que precisamos é de um caderno e uma caneta, registrando tópicos que condensam a exposição doutrinária.

A título de experiência, caro leitor, tente resumir este artigo em poucas palavras.

Com iniciativas assim, treinaremos a atenção e a capacidade de controlar nossa mente, evitando ser controlados por Espíritos que se comprazem em atazanar nossa existência.

Doppelgänger

No **hotel em** São Paulo, o empresário falava ao celular com a esposa na sua casa, em cidade do interior, quando, subitamente, viu um duplo seu, à sua frente, como um clone.

Visão fugidia, rápida, mas impactante.

Assustado, pediu-lhe que viesse ao seu encontro.

A esposa, preocupada, perguntou se estava bem.

— Sim, sim. Fique tranquila, apenas estou com saudades.

No dia seguinte, ao chegar, ela insistiu.

— Algum problema, querido? Notei você tenso ao telefone.

Ele explicou que se assustara com o estranho fenômeno.

— Pareceu-me aviso sobre minha saúde, mas estou bem...

De madrugada, no hotel, ele teve um enfarte.

Levado às pressas ao hospital, chegou agonizante.

Não obstante os cuidados médicos, em poucos minutos faleceu.

* * *

Fatos dessa natureza não são raros.

Os alemães têm até uma expressão para o fenômeno, situando-o como um *doppelgänger*, uma duplicata andante.

Era considerado de mau agouro, consequências funestas...

O folclore germânico situava o acontecimento como maléfico, provocado por entidade demoníaca que geralmente pretendia a morte da pessoa envolvida.

Figuras ilustres como Johann Wolfgang von Goethe, Catarina, a Grande, Percy Bysshe Shelley, Rainha Elizabeth I, Abraham Lincoln, Guy de Maupassant, tiveram experiências com o *doppelgänger*, porém nada a ver com morte iminente.

Um caso famoso é o da professora de francês, Emilie Sagée, na Letônia.

Em 1845, na escola onde lecionava, os alunos começaram a ver duas Emilies.

Enquanto uma parecia grogue, de movimentos lentos, a outra era vista do lado de fora, passeando no jardim.

O duplo também era observado ao seu lado, a imitar seus gestos quando escrevia no quadro negro.

Com o passar do tempo, aquelas aparições tornaram-se quase permanentes, e os pais dos alunos começaram a afastá-los da escola.

O jeito foi demitir a professora e seu fantasma.

* * *

O leitor familiarizado com o Espiritismo sabe que a Doutrina tem explicações mais interessantes, descrevendo o fenômeno como um desdobramento do corpo espiritual ou perispírito que, em circunstâncias favoráveis, pode ser visto pelo próprio indivíduo ou por circunstantes.

Essas aparições, geralmente produzidas a partir de ações de Espíritos, têm por principal objetivo despertar a atenção das pessoas para os fenômenos mediúnicos.

O que o empresário viu foi simplesmente uma exteriorização de seu perispírito, certamente induzida por mentores que, sabendo que ele iria falecer, providenciaram o fenômeno para atrair um familiar.

Provavelmente, nos casos em que o *doppelgänger* está relacionado com a morte da pessoa, terá ocorrido iniciativa semelhante.

* * *

O fenômeno pode manifestar-se de forma inversa. O indivíduo afasta-se do corpo físico, em seu corpo espiritual, com exteriorização da sensibilidade. O invés de ver o seu duplo espiritual, contempla, a partir dele, o corpo físico.

Em cursos de Espiritismo e Mediunidade, tenho ouvido o testemunho de pessoas que passam por essa experiência, num ensaio de desdobramento.

Em princípio apavoram-se, o que interrompe o fenômeno.

A Doutrina Espírita, particularmente em *O livro dos médiuns*, nos ajuda a compreender fenômenos dessa natureza, afastando o medo e nos permitindo desfrutar das valiosas experiências que nos ensinam, sobretudo no propósito de reconhecer que somos bem mais que um simples amontoado de células que se organizaram para formar um ser pensante.

Consultar o futuro

Transitando por São Paulo, vi, em vários postes de energia elétrica, curioso anúncio:

Vidente espírita. Conheça seu presente e futuro.

Embaixo o telefone do consultor.

O que há de mais lamentável em anúncios dessa natureza é a desfaçatez dos autores, vinculando sua atividade ao Espiritismo, a situá-lo como mera *buena-dicha*, uma leitura da sorte.

Há pessoas viciadas nessas consultas, sempre à procura do suposto médium mais sensível, mais capaz de desvendar seu futuro, como quem o vê numa bola de cristal.

Pagam caro, porquanto esses profissionais que comercializam revelações têm grande habilidade para tirar o dinheiro dos consulentes, principalmente quando usam de sortilégios para afastar males ou atrair bênçãos.

* * *

Geralmente são falsos videntes os que se dedicam a essa profissão. Seu grande desafio é iludir os incautos, simulando poderes que estão longe de exercitar.

Não obstante, alguns parecem efetivamente capazes de penetrar os arcanos celestes, prestando informações coerentes no entender dos consulentes.

Isso não significa que estejam a desvendar o futuro. Quando dotados de sensibilidade, particularmente nos domínios da psicometria, digamos que

leem o íntimo do cliente, suas expectativas e preocupações.

Imaginemos uma senhora desconfiada de que o marido mantém ligação extraconjugal com a vizinha.

O vidente dirá:

— Cuidado, seu marido está envolvido com uma pessoa próxima de seu lar.

Informação equivocada.

O marido é fiel aos compromissos conjugais.

O vidente apenas captou o que estava no íntimo da esposa fixada naquela preocupação.

Outro exemplo:

O filho do “cliente” está estudando Direito, com a intenção de prestar concurso para a magistratura.

O vidente:

— Vejo seu filho num tribunal, com a responsabilidade de julgar.

Não é o futuro que ele está vendo, mas apenas a expectativa do pai.

Há que se considerar, ainda, que esses videntes, quando funcionam como médiuns, são, não raro, intermediários dos próprios obsessores que perturbam os consulentes, iludindo-os para mais facilmente exercitarem seu domínio sobre eles.

No livro *Libertação*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito André Luiz reporta-se a uma situação dessa natureza.

Uma jovem estava sendo vitimada por cruel obsessão que vinha minando suas energias e produzindo males que os médicos não conseguiam debelar.

Buscando o socorro de um médium, em consultório do Além, ela e o marido foram iludidos pelos próprios obsessores a lhes informarem que o caso era para a medicina da Terra.

Comprometiam, assim, a possibilidade de uma intervenção mais eficiente se os interessados procurassem um centro espírita bem orientado, não suposto

profissional da mediunidade.

* * *

Nosso futuro não está escrito nas estrelas, já que a única fatalidade a que todos estamos sujeitos é a morte.

Ninguém ficará para semente.

Todos morreremos um dia, ainda que não encaremos com simpatia essa perspectiva.

Benjamim Franklin tem até um pensamento bem-humorado a respeito: “Todos querem ir para o Céu. Ninguém deseja morrer”.

É bem verdade que, tanto quanto possível, há um planejamento espiritual para a jornada humana, em relação a vários aspectos, como profissão, família, posição social, raça, condição física, atividade religiosa.

Não obstante, são meros sumários de abertura para capítulos em branco. O que será registrado nesses capítulos ficará por conta do livre-arbítrio do reencarnante.

Podemos fazer bem mais do que foi preposto ou bem menos, assim como entrar por desvios, afastando-nos do roteiro, complicando a existência, como acontece com muita gente.

Oportuno considerar a questão 869, de *O livro dos espíritos*:

Com que objetivo o futuro é oculto aos homens?

Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, não adianta ocupar-se com ela, ou então tentaria impedir que acontecesse. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorra para a realização das coisas, até daquelas a que desejaria opor-se. Assim é que, muitas vezes e sem o desconfiares, tu mesmo preparas os acontecimentos que sobrevirão no curso de tua vida.

Melhor cuidar do presente com os valores do bem e da verdade, deixando o futuro aos cuidados de Deus.

Casamento feliz

Considerando em moda os manuais de autoajuda, arrisco-me a oferecer ao querido leitor três regrinhas básicas para um casamento dos sonhos.

1) Gentileza.

Diz André Luiz: “Trate os familiares como você trataria uma visita”.

Geralmente para as visitas mostramos a parte iluminada de nossa personalidade.

Por que não oferecê-la à gente de casa?

Uma saudação alegre, a lembrança de uma data, o presente singelo, o gesto de louvor, o reconhecimento de um benefício, o elogio franco — são iniciativas mágicas. Têm peso de ouro na economia doméstica.

Em princípio, os familiares poderão estranhar, mas é preciso insistir na gentileza, ainda que algum deles, por estranheza ou impertinência, responda ao nosso bom-dia perguntando:

— Bom dia por quê? Por que você acha que meu dia será bom?

2) Elogio

As pessoas tendem a se comportar da maneira como as vemos. Destacar virtudes é uma forma de desenvolvê-las. Estar sempre apontando mazelas e imperfeições é a melhor maneira de exacerbá-las.

É como regar plantas.

Se regarmos espinhos, teremos um espinheiro.

Melhor regar flores — teremos um jardim.

Dependendo da maneira como o tratamos, o príncipe encantado poderá transformar-se num sapo. Melhor colaborar para que o sapo se transforme num príncipe encantado.

Um homem machista, do tipo tirano doméstico, cujo casamento estava em crise justamente pelo seu comportamento, ouviu o seguinte conselho de um amigo:

— Observe os aspectos positivos de sua esposa e procure ressaltá-los.

Incapaz de ver além do próprio umbigo, ele comentou:

— Infelizmente não posso colocar esse conselho em prática. Não vejo nada digno de destaque em minha mulher.

O amigo, que o conhecia bem e era muito franco, respondeu:

— Pois eu acho que ela tem grande e rara virtude.

— Ora essa, que virtude é essa que desconheço?

E o amigo:

— Consegue conviver com você!

3) Diálogo.

Um dramaturgo culto e inteligente apaixonou-se por uma jovem e decidiu pedi-la em casamento.

Não usou a fórmula comum:

— Quer dar-me a honra de casar-se comigo?

Disse, simplesmente:

— Você gostaria de passar os próximos quarenta anos conversando comigo?

Eis a base do casamento feliz: uma longa conversa a estender-se vida afora.

Quando os cônjuges perdem o gosto pela conversa o amor logo vai embora.

A disposição de dialogar, usando de sinceridade, é excelente recurso para aparar as arestas domésticas.

Porém, é preciso observar o cuidado fundamental:

Não resvalar para a agressividade, transformando a conversa em pancadaria verbal, com uso farto e lamentável de gritos e palavrões.

Quando as pessoas perdem o controle, acabam falando ou fazendo coisas irreparáveis.

Atente, amigo leitor: um casamento pode ser destruído numa discussão ácida.

Nesses momentos é importante usar a água da paz, sugerida por Chico Xavier:

Quando a conversa começa a esquentar perigosamente, ir até o filtro e tomar um gole d'água.

Detalhe: conservá-la na boca, sem engolir, até esfriar a língua.

Fórmula ideal: “Quando um não quer, dois não brigam”.

Há outro recurso interessante:

Um casal comemorava bodas de ouro, casamento feliz de meio século.

Alguém lhes perguntou qual o segredo de tão longa e feliz convivência.

Responderam:

— Quando nos casamos, combinamos que se o ambiente começasse a esquentar no lar, um de nós faria uma caminhada no campo.

Ambos tinham o aspecto saudável de quem vai frequentemente ao campo.

* * *

Todas essas fórmulas são ótimas, porém é preciso reconhecer que qualquer iniciativa em favor da estabilidade do casamento será sempre precária, se não estiver inserida no contexto de uma existência legitimamente cristã.

Pouco conseguiremos se não estivermos interessados, acima de tudo, em trabalhar em favor de nossa própria renovação.

Nesse aspecto, não há outro caminho senão aquele que se exprime no empenho de conquistarmos as marcas do Cristo, dispostos a sacrificar os interesses pessoais, as exigências, as brigas, em favor do bem comum.

O casamento sempre melhora quando melhoramos.

Da Terra e do Céu

Alguém me perguntou qual a ligação entre Jesus e o Espiritismo.

Eu diria que em linhas gerais ambos nos convidam a uma existência digna, honrada, marcada pela prática do Bem, o mágico elixir da felicidade.

No detalhamento:

Jesus falava de coisas da Terra.

O Espiritismo fala de coisas do Céu.

Podemos notar que as lições de Jesus reportam-se, essencialmente, à existência humana.

O Sermão da Montanha, por exemplo, uma síntese do pensamento de Jesus, trata de nosso dia a dia.

Quanto ao Céu, observemos suas colocações:

Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus... (*Mateus*, 5:3).

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o Reino dos Céus... (*Mateus*, 5:10).

Bem-aventurados sereis quando, por minha causa, vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande vosso galardão nos Céus, pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vós... (*Mateus*, 5:11 e 12).

Porque vos digo que se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no Reino dos Céus... (*Mateus*, 5:20).

Perceba, caro leitor, que nestas afirmativas, como em outras semelhantes, ao longo do Evangelho, Jesus nos fala do Céu, não das coisas do Céu — como é a Vida Espiritual, o que nos espera após a morte.

Quem nos fala é o Espiritismo.

O prezado leitor dirá que as religiões cristãs também falam. Há até uma disciplina própria na teologia. É a escatologia, que trata do destino final do homem.

O grande problema é que os teólogos têm tratado do assunto de forma especulativa.

Na Idade Média usaram e abusaram da imaginação, concebendo ideias fantasiosas, como a existência do diabo, anjo rebelado a disputar com Deus as almas humanas, submetendo o homem a toda sorte de tentações, a fim de levá-lo para o Inferno, uma prisão de tormentos, sem remissão. A alma que lá aportasse estaria condenada ao sofrimento eterno.

Dante consagrou essa ideia no poema *A divina comédia*. No portal do Inferno, a inscrição: “Ó vós, que entraís, abandonai toda a esperança!”.

Terrível!

Sem porta de saída!

Uma ideia escatológica incompatível com o mais elementar princípio de justiça — a extensão da pena não pode ultrapassar a natureza do crime.

Ainda hoje circulam fantasias sobre o Inferno, relacionadas com caldeiras de óleo fervente onde as almas ardem eternamente, sem jamais se consumirem, sob a vigilância dos demônios.

Quanto ao Céu, seria o paraíso dos indolentes, porquanto situado como local de beatitude, onde as almas eleitas se deleitam em contemplação eterna.

Os teólogos atuais descartam essas fantasias, que ainda assombram as almas ingênuas, mas não guardam a mínima noção do que é a vida espiritual,

pouco arriscando a respeito, atitude prudente, porquanto não há como falar do que desconhecem, do que não veem, do que não possuem notícias confiáveis.

* * *

O Espiritismo não é especulativo, não cultiva fantasias.

Kardec partiu do princípio elementar de que se desejamos saber como é a vida num país, ao invés de imaginar, melhor conversar com seus habitantes.

Foi o que fez em relação ao Mundo Espiritual.

O livro dos espíritos, obra básica da Doutrina Espírita, é um repositório de informações colhidas por Kardec, junto aos que moram do outro lado da vida.

A fim de evitar fantasias da própria cabeça dos médiuns, os instrumentos de contato com o Mundo Espiritual, Kardec desenvolveu uma metodologia que chamou de Controle Universal das Manifestações.

Submetia as perguntas que desejava formular a vários médiuns, sem contato entre si. Se as respostas guardavam identidade, ele poderia considerar que vinham dos Espíritos não da cabeça dos médiuns.

Sábia a iniciativa de Kardec.

Se, por exemplo, quero pesquisar como é a vida na França, e consulto um francês, ele poderá me passar uma ideia equivocada.

Se consultar dezenas de franceses, sem contato entre si, e as informações forem idênticas, poderei dizer que são legítimas.

* * *

Constatada a legitimidade das informações prestadas pelos Espíritos, observamos que eles oferecem o panorama do que nos espera quando desencarnarmos, de conformidade com o que estamos fazendo na Terra.

E nos mostram, também, o fundamental: se almejamos ser bem acolhidos, se desejamos ser felizes, no Mundo Espiritual, é indispensável que cumpramos as orientações de Jesus, quando nos fala sobre as coisas da Terra,

para não toparmos com coisas desagradáveis no Além, quando a morte para lá nos transferir.

Passe em animais

Aqui o assunto controvertido, em que arrisco minha opinião.

Apliquei um passe na Lana, cachorrinha de minha esposa, muito doente, digamos uma *paciente terminal*, raça *schnauzer*.

Pouco depois ela expirou.

— Também, pudera! — criticou um amigo. — Passe em cachorro é veneno. Não leu a observação de Erasto, em *O livro dos médiuns* (cap. 22, it. 236)? Um homem magnetizou um cão e o pobre animal morreu!

Informação equivocada.

Não, caro leitor, não estou exercitando a petulância de contestar um dos mentores da Codificação, valoroso discípulo de São Paulo.

Equivocado estava meu amigo, porquanto Erasto refere-se a alguém que magnetizou um cão com o propósito de servir-se dele para comunicações com os Espíritos, intoxicando magneticamente o pobre animal.

Observemos sua explicação:

[...] Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente.

Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, instantaneamente os aniquilaríamos, se os mediunizássemos.

Em se tratando de nossa prezada Lana, o passe apenas a ajudou a desencarnar.

Isso tem acontecido comigo quando atendo doentes graves.

Os confrades até brincam, dizendo que aplico o passe da meia-noite, e que jamais eu seja convocado para esse tipo de ajuda quando estiverem mal de saúde.

Não há nada de assustador, caro leitor.

Esse fenômeno é vivenciado por todos os passistas.

Ocorre apenas com pacientes terminais que se beneficiam com o passe, sempre acompanhado da oração, no trânsito da morte.

* * *

Quanto aos animais, não vejo problema nenhum em aplicar-lhes passes. Minha experiência tem sido satisfatória nesse particular.

O professor Herculano Pires, que, segundo Chico Xavier, foi quem melhor interpretou Kardec, fala, no livro *Mediunidade, vida e comunicação*, de uma mediunidade zoológica, de médiuns que cuidam de animais enfermos, com tratamentos que incluem o passe magnético.

Destaca o professor:

A assistência mediúnica aos animais é possível e grandemente proveitosa.

O animal doente pode ser socorrido por passes e preces e até mesmo com os recursos da água fluidificada.

No livro *Conduta espírita*, psicografia de Waldo Vieira, Edição FEB, há uma importante observação de André Luiz a respeito do assunto: “No socorro aos animais doentes, usar os recursos terapêuticos possíveis, sem desprezar mesmo aqueles de natureza mediúnica que aplique a seu próprio favor”.

Obviamente podemos incluir o passe magnético dentre esses recursos terapêuticos.

* * *

Você já ouvir falar, caro leitor, de pessoas com mão boa para tratar de plantas?

Haverá em suas mãos algum recurso mágico, capaz de fazer vicejar os vegetais? Nada disso, nada que as diferencie quanto à estrutura e funcionamento.

A diferença está na vibração.

São pessoas que gostam das plantas, cuidam bem, conversam com elas...

Assim como os animais, as plantas possuem um princípio espiritual em evolução, sensível às vibrações do ambiente e de seus cuidadores, atendendo a uma regra básica: quanto mais carinho demonstrarmos por elas, mais viçosas e saudáveis ficarão.

* * *

Diz Jesus (*Mateus*, 25:40): “Em verdade vos digo que quando fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.

Creio que esse adjetivo é bem mais abrangente do que imaginamos.

Atendendo não apenas aos pobres, mas também a todas as expressões da Natureza, plantas e animais, abaixo do reino hominal, estaremos servindo a Jesus.

Certamente Francisco de Assis assinaria embaixo.

Estacionários

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem.
Só passou pela vida, não viveu.

Este singelo poema de Francisco Otaviano exprime a realidade.

Sendo nosso planeta um mundo de expiação e provas, por onde transitamos num veículo celular frágil e perecível, é praticamente impossível encontrar alguém que tenha atravessado a existência sem sofrimentos, sem dores, sem mágoas...

Podemos, também, identificar multidões em branca nuvem por permanecerem estacionárias. É isso mesmo, caro leitor. Espíritos presos ao imediatismo terrestre, sem cogitações de cunho espiritual.

Conforme nos ensina a Doutrina Espírita, não há involução. Ninguém retornará a estágios primários, como sugere a Metempsicose, a ideia de que podemos reencarnar entre irracionais. Isso jamais acontece, embora muita gente bem o mereça...

Não obstante, aprendemos, também, que pode ocorrer um marca-passo evolutivo.

É o que nos explicam os mentores espirituais, quando Kardec pergunta, na questão 118 de *O livro dos espíritos*:

Podem os Espíritos degenerar?

Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.

— Aleluia! — comemorava amigo irreverente — Se assim não fosse, teríamos multidões voltando a andar de quatro e a morar em árvores.

Certamente é fruto da Misericórdia Divina que não retornemos a estágios iniciais de evolução, mas fica bem claro que podemos estacionar.

Não há necessidade de grande esforço de observação para constatar que há multidões em marca-passo evolutivo na Terra. Ocorre particularmente a partir da meia idade, quando se manifesta a tendência ao acomodamento — o viver por viver.

Isso fica evidente quando perguntamos às pessoas por que e para que vivem, e elas simplesmente não sabem nem mesmo dizer de onde vieram e para onde vão...

Parafraseando Francisco Otaviano, diríamos que:

Quem passou pela vida distraído,
E de seus objetivos não indagou,
Quem vegetou na indiferença,
E a reflexão não cultivou,
Foi um dorminhoco apenas,
Perdeu seu tempo, nada aproveitou.

* * *

A própria dor, apanágio do ser humano no estágio em que vivemos, não produz a evolução.

Ela é, digamos, o eficiente despertador celeste, a nos acordar para Deus.

Quando plange o dolente sino, ajoelhamo-nos, superamos o imediatismo, refletimos mais, olhamos melhor para dentro de nós mesmos, cogitamos de valores que marcam a evolução.

A regra básica para avaliar se estamos evoluindo é simples.

Se você vê fluir o tempo...

Sem cogitar de nobres ideais...

Sem combater mazelas...

Sem cultivar valores espirituais...

Sem aprender alguma utilidade...

Sem dedicar-se à leitura e ao estudo...

Sem participar da comunidade...

Sem ser útil ao próximo...

Então, meu caro, você está enquadrado em situação estacionária, candidato certo a estágio depurador em regiões umbralinas, eficientes despertadores evolutivos.

Para evitar esse vexame, duas perguntas devemos fazer a nós mesmos, diariamente:

Deixarei o mundo melhor ao daqui sair?

Sairei melhor do que quando cheguei?

Fazendo assim estaremos a caminho de gloriosa destinação que resumiríamos parafraseando ainda Francisco Otaviano:

Quem os objetivos da vida observou

E como filho de Deus se comportou,

Quem, à maneira do aluno na escola,

As lições da vida em plenitude assimilou,

Superou as limitações humanas,

Para estágios mais altos se transportou.

Espíritos sofredores

Em conversa informal, confrades espíritas trocavam ideias sobre reuniões mediúnicas.

Um deles, habituado ao trato com Espíritos sofredores, ignorantes de sua condição de desencarnados, comentava, bem-humorado:

— Tenho a impressão de estar nessa situação. Bati as botas sem dar-me conta de que já não pertenço ao mundo dos vivos. Em minha casa, falo com a esposa e filhas e elas ignoram-me. Até minha sogra, a serviçal doméstica e uma cachorrinha não se sensibilizam com meus reclamos. Como resolver esse dilema?

Ainda na base do humor, alguém ofereceu a solução:

— Ponha-se diante de um espelho. Se observar sua imagem refletida, tudo bem. Se isso não acontecer, comece a orar. Você engrossou o time dos defuntos.

Embora a irreverência de nossos confrades, caro leitor, eles reportam-se a uma situação comum — Espíritos que retornam ao Mundo Espiritual sem a mínima noção do que aconteceu.

Muitos, apegando-se ao lar, acabam irritados e nervosos, porque ninguém lhes dá atenção.

Não percebem sua invisibilidade ao olhar humano.

Não raro, perturbam membros da família com suas vibrações indignadas.

Aqueles que possuem maior afinidade com o falecido colhem suas vibrações desajustadas e podem até sentir sintomas relacionados com o tipo

de enfermidade que o vitimou.

Estamos diante do que poderíamos denominar *obsessão pacífica*, porquanto não há intencionalidade.

Essa situação do Espírito não oferece grandes dificuldades ao dialogador, quando se manifesta em reuniões mediúnicas, porquanto ele não pretende fazer mal a ninguém, muito menos aos familiares. Simplesmente está pedindo socorro, às voltas com suas angústias, como o naufrago que se agarra a uma tábua de salvação.

Geralmente, procuro fazê-lo sentir que está num hospital em tratamento, onde usamos o recurso da oração em favor dos pacientes.

Quando ele aceita a orientação, os resultados se fazem sentir de imediato, dando-lhe condições para ser atendido pelos mentores espirituais.

* * *

Um detalhe importante para o qual peço a atenção de leitores que dialogam com Espíritos: em entrevista à revista *Reformador*, em novembro de 2011, Arnaldo Rocha, que trabalhou largo tempo com Chico Xavier, em reuniões mediúnicas, em Pedro Leopoldo, informou que ao habilitar-se a essa tarefa recebeu de Emmanuel a seguinte orientação:

— Nunca discuta com o Espírito nem lhe revele que desencarnou.

Principalmente quando lidamos com Espíritos rebeldes e agressivos, a primeira providência, sem dúvida, é ganhar a sua simpatia, sem o que será impossível modificar suas disposições.

Por outro lado, para ter ideia dos prejuízos causados ao Espírito que não percebeu sua nova condição, imagine, caro leitor, qual seria sua reação, se eu lhe informasse, categórico:

— Meu amigo, talvez ainda não tenha percebido, mas você morreu! Escafedeu-se!

Nas obras de André Luiz há inúmeros relatos quanto ao cuidado que devemos ter nesse particular.

No livro *Os mensageiros* reporta-se a jovem recém-desencarnada que, em pleno necrotério, apegava-se aos despojos carnavais.

O noivo amado, desencarnado, veio ampará-la, solícito, mas ela ficou em estado de choque, apavorada como quem contempla um fantasma.

Após aconselhar o noivo a afastar-se, Aniceto, o mentor espiritual que acompanhava André Luiz, explicou que a ausência de preparação religiosa gera situações dessa natureza.

É exatamente isso que acontece com grande parcela dos desencarnados, que, geralmente, ainda que professassem uma religião enquanto encarnados, viviam em função do imediatismo terrestre, na base do comer, dormir, vestir, trabalhar, procriar, divertir-se...

Ao retornar à Espiritualidade, todas as suas ideias, impressões e aspirações estão voltadas para a vida física, são incapazes sequer de reconhecer que estão na Dimensão Espiritual.

Diante deles, é André Luiz quem reitera, no livro *Instruções psicofônicas* (transmitidas oralmente por Chico Xavier): “Não fale da morte ao Espírito que a desconhece, clareando-lhe a estrada com paciência para que ele descubra a realidade por si próprio”.

Gratificante tarefa

Ainda no livro *Os mensageiros*, André Luiz relata a impressionante experiência de um grupo de religiosos que oravam em uma igreja, enquanto a cidade inglesa estava sendo bombardeada por aviões alemães, em plena Segunda Guerra Mundial.

Espíritos a voitar sobre a cidade observaram um grande clarão que partia da igreja, qual se fora o foco de gigantesco farol voltado para o Infinito.

Eram as vibrações daqueles fiéis em oração que produziam a grande luminosidade.

Esse episódio nos dá conta dos poderes prodigiosos da mente humana, quando canalizados para atividade dessa natureza.

Imagine, caro leitor, o alcance de um grupo de pessoas que se reúne para vibrar em benefício de alguém.

* * *

No Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru, temos 92 grupos mediúnicos.

O leitor certamente ficará admirado e talvez preocupado com tal número, mas saiba que nada é feito aleatoriamente. Formam-se os grupos depois de dois anos de estudos, versando sobre Espiritismo e Mediunidade.

Monitores acompanham o trabalho e reuniões periódicas e publicações sustentam a disciplina que deve marcar o intercâmbio com o Além.

Todos os participantes são orientados e treinados para o exercício das vibrações, efetuadas a partir de papeletas em que os interessados registram o nome, a idade e o endereço dos beneficiários.

De 10 a 15 pessoas recebem as vibrações do grupo, com duração média de dez minutos, no total.

As vibrações são feitas após estudo de obra que verse sobre mediunidade e leitura de página evangélica, geralmente da série Fonte Viva, de Emmanuel.

Logo após as vibrações, conforme orientação de nossos mentores, entramos na prática mediúnica. Isso porque, não raro, esse trabalho atrai para a reunião Espíritos que estão obsidiando os beneficiários das vibrações.

Quando conseguimos demover o obsessor de seus propósitos, os resultados são imediatos, favorecendo a recuperação do obsidiado.

* * *

Certa feita conversei com um obsessor atraído pelas vibrações. Assediava idoso senhor, pretendendo levá-lo à morte.

Ouvi sua história e suas motivações, bem justificadas, sob o ponto de vista humano.

Sua vítima de hoje fora, na existência passada, poderoso coronel no interior do país.

Desejando apossar-se de suas terras, simplesmente mandara matá-lo e a toda a sua família, pais, esposa e filhos.

É difícil modificar as disposições vingadoras de alguém que foi tão lesado e carece de compreensão mínima sobre os mecanismos da Justiça Divina. Somente ganhando sua simpatia poderemos ensaiar uma mudança.

Foi o que fiz, situando por justificável sua ação vingadora.

— Se fosse comigo, — argumentei — talvez fizesse o mesmo.

— Ainda bem que concorda — falou, descontraindo-se.

Perguntei em seguida o que era feito de sua família, que tanto amava.

Respondeu-me, desolado, que perdera o contato com seus amados.

Argumentei que certamente eles tentavam aproximar-se, iniciativa frustrada por estar ele com a mente fixada no propósito de vingança. Se modificasse suas disposições, certamente ocorreria o reencontro.

Foi assim que o Espírito desistiu da vingança, sendo acolhido pelos mentores da reunião.

Final feliz que se delineou a partir de um grupo de pessoas dispostas a concentrar a mente, exercitando a caridade em serviço de vibração.

Este, caro leitor, é um caso, dentre dezenas, para lhe demonstrar a importância desse serviço quando exercitado com dedicação e o ideal de servir.

Prestar atenção

As **coisas iam** mal para Luiz Carlos, que se deixava dominar pelo alcoolismo.

Começara devagarinho, chegadinha ao bar com os colegas de serviço, após o expediente.

Incursões lamentáveis pelo terreno do vício, que logo se estenderam aos finais de semana.

A esposa reclamava sua ausência, da ressaca cada vez mais frequente, do descontrole emocional...

Atingiu o estágio em que, ao despertar, só se sentia bem quando tomava o café misturado à bebida destilada.

Vendo sua progressiva degradação, um amigo o convenceu a procurar dedicado médium que ajudava as pessoas a encontrar seu rumo na vida.

Ramiro, o médium, relativamente jovem, aparência humilde, não chegava a impressionar.

Um mistificador, imaginou nosso herói diante dele. Certamente alguém disposto a explorar a ingenuidade humana.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou o médium, sem afetação.

Luiz Carlos, jocoso:

— Quero que me ajude a ser feliz.

— Alcoólatras não são pessoas felizes.

Luiz Carlos aborreceu-se com o amigo, por suposta traição.

— Por que diz isso? Alguém lhe falou a meu respeito?

— Não, meu caro, nem seria preciso. Vejo em seu acompanhamento espiritual: alcoólatras que se associam ao seu vício. Você é excelente caneco.

Luiz Carlos ouvira falar vagamente a respeito de viciados do Além, que fazem dos viciados da Terra o seu instrumento para se satisfizer, mas não admitia estar enquadrado. E rebateu:

— Creio tratar-se de engano. Não sou alcoólatra.

— Não é o que diz seu corpo espiritual, em estado lamentável.

— Desculpe-me, mas não estou aqui para ouvir sobre minha alma. Busco ajuda para resolver meus problemas. Há muita gente contra mim, a começar por minha própria família.

— Ou será você que está contra toda gente? Se temos problema com alguém, talvez ele seja culpado. Mas se temos problemas com todos, a culpa certamente é nossa.

— Vai dizer que é por causa de suposto alcoolismo?

— O alcoolismo é efeito colateral de seu problema, que também termina em ismo. Você, como acontece com a maior parte das pessoas, pensa demais em si mesmo, exercitando egoísmo. Faz do seu bem-estar o foco de suas ações, porta aberta a influências espirituais negativas. E tem mais. Espíritos que o perseguem são agentes de terrível obsessão, a vingar-se de passadas ofensas.

— Que ofensas? Nunca fiz mal a ninguém!

— Nesta vida não, mas fez mal a alguém em vida passada.

— O que pretendem?

— Afundá-lo no vício.

— Não vim aqui para definir se sou viciado ou não, mas para que você resolva meus problemas.

— Se a intenção é essa, nada poderei fazer.

— Não pode ajudar-me?

— Não da forma como pretende.

— Como seria?

— Dando-lhe dois conselhos.

— Quanto vai custar?

— Você está mal orientado. Pensa sempre em termos de dinheiro. Não vai lhe custar nada.

— Fico agradecido. Qual o primeiro conselho?

— Preste atenção.

— Estou atento. Qual é o conselho?

— Preste atenção.

— Esse é o primeiro conselho?

— Sim, preste muita atenção aos seus pensamentos, às suas iniciativas, às pessoas que o cercam. Imagine ter um aparelho de som em seus ouvidos, a repetir: preste atenção.

— E o segundo:

— Sempre haverá algo de bom a fazer em benefício de alguém. Entre seus companheiros de bebida há os que estão em pior situação que a sua. Preste atenção e cogite de ajudá-los de alguma forma.

— O que ganharei com isso?

— Sua liberdade espiritual. Quando exercitamos o bem, o mal não tem acesso em nossa alma.

E foi assim que Luiz Carlos deu novo rumo à sua existência, aprendendo a prestar atenção e não perdendo o ensejo de ser útil ao próximo.

Esse, caro leitor, é o mágico amuleto que dá sentido e objetivo à existência e nos protege das incursões das sombras.

Esquecimento do passado

Após uma palestra sobre a reencarnação, alguém me questionou:

— Quando criança, o senhor apanhava de seu pai?

— Fui menino comportado...

— Porém apanhou algumas vezes?

— Poucas...

— Seu pai chegou a castigá-lo sem que o senhor soubesse o motivo?

— Ele não faria isso.

Meu interlocutor sorriu, triunfante.

— Por isso não acredito na reencarnação. Vocês espíritas dizem que sofremos para pagar dívidas de outras existências, porém ninguém sabe o que aprontou. Apanhamos sem saber o *motivo*.

— Pois bem! — respondi. — Faça-lhe a mesma pergunta: Quando criança o senhor apanhava de seu pai?

— E da minha mãe também.

— Era merecido?

— Sem dúvida. Fui menino travesso.

— Por isso, meu caro, acredito na reencarnação. A gente sabe que apanha por merecer, embora sem saber o que aprontamos em vidas anteriores.

Consideremos, caro leitor, os dois princípios.

Ponto de vista espírita:

Nossos sofrimentos guardam relação com o que fizemos ou estamos fazendo de errado, nesta vida ou em vidas anteriores.

Um homem lida com congênitos problemas hepáticos. Tem intolerância a vários alimentos. Bebidas alcoólicas, nem pensar. Não sabe que em vida anterior foi alcoólatra, destruiu o fígado e morreu prematuramente aos 40 anos. Digamos, um suicida inconsciente. Não considerou estar se matando com o vício.

Hoje, o fígado problemático é não apenas o resultado do mal que fez a si mesmo, com o alcoolismo, mas, também, a medida de contenção para que se liberte do vício, entranhado no corpo espiritual, o perispírito. Sem o problema hepático, tenderia a reviver a experiência comprometedora.

Limitações físicas acentuadas são recursos para que nos ajustemos às Leis Divinas.

Ponto de vista das religiões tradicionais:

Não há explicação para limitações físicas e mentais.

É um mistério, a não ser que se recorra a princípios reducionistas: problemas de formação genética, como se Deus estivesse jogando dados conosco, em combinação aleatória de elementos hereditários.

Certamente o homem com tormentosos problemas hepáticos há de reclamar que Deus foi injusto com ele, dando-lhe um fígado que lhe rouba a alegria de viver.

Seu consolo, meio capenga, se for pessoa de fé: considerar que Deus sabe o que faz, dispensando questionamentos.

Um amigo, tentando contornar a dificuldade de explicar o enigma das grandes dores sem a chave das vidas sucessivas, explicava convicto:

— Deus faz sofrer àqueles que ama, preparando-os para o Céu.

Incrível! Deus tem preferências!

Quem mais sofre é porque Deus lhe tem mais amor!

Quem pouco sofre, Deus pouco ama!

E quem não sofre? Falta-lhe o Amor Divino?

* * *

A reencarnação não é princípio dogmático que se deva aceitar sem questionar. Há evidências claras sobre a pluralidade das existências, em três aspectos: científico, religioso e filosófico.

Milhares de livros, isso mesmo, leitor! Milhares de livros em múltiplos idiomas, de todas as culturas, abordam a reencarnação sob esses três aspectos, com exemplos variados, principalmente de pessoas que recordam existências passadas.

A dúvida dos negadores é a mesma do cidadão que me questionou: por que o esquecimento?

Há razões para isso.

Em primeiro lugar por limitação física. Nosso cérebro não possui a complexidade e o desenvolvimento que comportem a consciência de experiências não registradas pelos cinco sentidos: tato, paladar, olfato, audição e visão.

Somente em circunstâncias especiais a memória extracerebral, do Espírito, faculta-nos contato com nosso passado.

Há motivo de ordem prática: cada existência encerra em si mesma um ciclo de experiências que seriam embaralhadas, confundindo-nos se estivéssemos de posse das lembranças do pretérito.

Já fomos o homem, a mulher; morremos na infância, na adolescência, na velhice; fomos o europeu, o asiático, o africano; transitamos por várias etnias, em nacionalidades variadas.

Pessoas que recordam uma única existência pretérita perturbam-se e deixam perplexos os familiares.

Imaginemos a criança a contestar o parentesco com pais e irmãos, alegando ter outra família; o adolescente que enxerga no pai de hoje o filho

de ontem, ou na irmã de ontem a mãe de hoje; o homem que possuía brilhante inteligência e agora experimenta as limitações de um cérebro deficiente; o pária que foi nobre; o racista que se vê filho da raça que discriminou...

Sem sepultar o passado no terreno do inconsciente, tais situações seriam complicadas.

Que dizer de alguém lembrando de múltiplas existências, embaralhando tudo?

Seria uma loucura!

* * *

O esquecimento situa-se, sobretudo, por manifestação da Misericórdia Divina, oferecendo-nos a bênção do recomeço.

Situemos o homem comprometido com crimes e viciações, colhido nas grades do remorso, que experimenta o despertar da consciência, acicatando-o tão fortemente que o faz sentir-se o mais miserável dos seres, paralisando sua iniciativa... Essa é a situação do Espírito desencarnado quando contempla o passado de desatinos.

— Ah! Se fosse possível enfrentar os labores da redenção sem lembranças torturantes!...

É exatamente isso que Deus nos oferece: a misericórdia do esquecimento para que, na abençoada oportunidade do recomeço, enfrentemos o resgate de nossos débitos sem nos afogarmos no oceano de nossas culpas.

E há os problemas familiares.

A reencarnação coloca lado a lado, ligados pelo sangue, ofensores e ofendidos, inimigos e desafetos, para que se harmonizem.

Assim a Justiça Divina exige a reparação.

Assim a Divina Misericórdia promove a reconciliação.

Como seria isso possível se os personagens desses dramas do passado, ligados pela consanguinidade no presente, guardassem a lembrança plena do

pretérito?

Conseguiriam conviver, superar ressentimentos e mágoas, transformar o ódio em amor?

* * *

Não basta, entretanto, aceitar a reencarnação para aproveitar as lições que ela nos oferece.

É fundamental desenvolvamos uma consciência reencarnatória, a convicção plena de que somos Espíritos imortais em trânsito pela Terra, em jornada de evolução, enfrentando dores e atribulações que nos reajustam diante das leis divinas.

Fica mais fácil enfrentar tais desafios, situando-os por lições que se repetem no educandário terrestre, em favor de nossa evolução.

E se tivermos a consciência de que estamos colhendo hoje o que semeamos ontem, saberemos, também, a benefício próprio, que nossa semeadura de hoje será a colheita de amanhã.

Imagens no espelho

Conta a sabedoria oriental que Narada, discípulo do Senhor do Universo, desejou conhecer a ilusão. Com esse objetivo, saíram ambos a caminhar pelo mundo.

Em dado momento, disse o supremo regente:

— Narada, tenho sede. Traga-me, por favor, um copo d'água.

Imediatamente o aprendiz afastou-se para atender ao solicitado.

Bateu palmas em uma casa. Linda jovem o atendeu, delicada e gentil.

Narada encantou-se com ela.

Ela encantou-se com ele.

Conversaram por longo tempo, inebriados.

Iniciaram namoro, noivaram, casaram e tiveram vários filhos ao longo dos anos.

A sogra de Narada, viúva rica, morreu, deixando-lhes muitos negócios e grande fortuna.

Ele se cercou de conforto e bem-estar com os entes queridos.

Veio o dia em que ameaçadora epidemia alastrou-se pela região.

Por prudência, Narada vendeu todos os seus bens e, na posse de uma fortuna em ouro e pedras preciosas, partiu com a família, procurando lugar seguro para instalar-se.

Em viagem de navio foram colhidos por violenta tempestade à noite. O navio naufragou e Narada, em plena escuridão, lutou para não morrer afogado. Pela manhã viu-se na praia, constatando, em desespero, que a família perecera e ele estava só, sem a sua riqueza, sem alento, sem nada...

Chorou, amargamente, até que ouviu voz familiar:

— Narada, onde está meu copo d'água? Há meia hora você saiu para buscá-lo e não voltou.

Então Narada aprendeu o que é a ilusão.

* * *

História singela, ensinamento profundo.

Situa a ilusão como tudo o que é transitório.

Digamos que a água solicitada pelo Senhor do Universo representa o permanente, o inalienável, conquista do Espírito imortal. Onde encontrá-la?

Temos a resposta numa afirmativa de Jesus, no inesquecível diálogo com a mulher samaritana (*João*, 4:14): “[...] mas quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele fonte de água jorrando para a vida eterna”.

Podemos dizer, portanto, que essa água maravilhosa que nos faz felizes para sempre, a água que Narada deveria buscar, está no Evangelho.

O componente básico dessa água, como é ressaltado por Jesus, em inúmeras oportunidades, é o Amor, a Lei Suprema de Deus, que equilibra o Universo e sustenta a vida.

Amar é empenhar o coração.

Amor pelo próximo.

Amor pela família.

Amor pelo conhecimento.

Amor pela virtude.

Tudo passa no mundo, tudo é ilusório.

Somente quando empenhamos o coração, construímos para a vida eterna.

Há casamentos que acabam...

Famílias que se dissolvem...

Experiências que nada representam...

Iniciativas que resultam em frustração...

Vidas que se perdem no imediatismo terrestre...

Tudo é nada, se não houver amor.

Com amor, o nada pode ser tudo, enriquecendo a vida.

O Apóstolo Paulo deixa bem claro isso na *Primeira epístola aos coríntios* (13:1 a 13):

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o metal que soa ou o sino que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar, e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montanhas, e não tiver amor, nada serei.

E ainda que eu distribua toda a minha fortuna para os pobres, e o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

O amor é sofredor, é benigno.

O amor não é invejoso.

O amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.

Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá.

Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor.

Se não há amor, a vida será sempre um grande enigma, cheio de ilusões, como meras imagens que o espelho reflete.

Brincar com reflexos no espelho, brincar com ilusões, é coisa de menino.

Somos adultos, espíritos suficientemente vividos para buscar a realidade, o que é perene, não o ilusório.

É tempo de cultivar o amor.

Jesus nasceu pobre, num lugarejo pobre, numa região pobre, num país pobre... Mas tinha o essencial: o amor.

Com amor formou um grupo de homens igualmente humildes para transmitir sua doutrina renovadora, uma nova concepção de Deus.

Um Deus diferente do Jeová da tradição mosaica, terrível, agressivo, disposto a vingar-se até a quarta geração dos que o ofendessem.

Jesus nos revela um pai amoroso, a conduzir seus filhos pelas veredas retas da justiça, como exalta o salmista.

Ressalta João, em sua *Primeira epístola* (4:16): “[...] Deus é amor. Quem está em amor está em Deus, e Deus nele”.

E fica a lição: tudo o que fizermos com o amor de quem guarda Deus no coração terá caráter perene, ultrapassando as miragens ilusórias.

Foi com o exercício desse amor que os discípulos ampliaram o movimento cristão e lhe deram perenidade, situando aquele humilde filho da Galileia

como a personagem mais importante da História, tão importante que dividiu o tempo entre antes e depois dele.

E quando Allan Kardec indagou (*O livro dos espíritos*, q. 625) qual a figura maior da Humanidade, o mentor espiritual que o assistia respondeu simplesmente: Jesus.

Isto porque foi alguém que estava em Deus, e Deus nele, na sintonia do Amor.

Os braços do Cristo

Perguntam-me por que não há no centro espírita ritos e rezas, ofícios e oficiantes, imagens e estampas que caracterizam o culto religioso nos templos e igrejas.

Ocorre que a proposta do Espiritismo é diferente.

O centro espírita é, sobretudo, a escola de espiritualidade, onde aprendemos que o culto a Deus é assunto eminentemente pessoal, entre nós e o Criador.

Elegendo intermediários estaremos transferindo para outrem o que nos compete.

Se os noivos desejam as bênçãos divinas para seu casamento, ninguém melhor que eles próprios para fazê-lo.

Reúnam-se em círculo íntimo de familiares e amigos e evoquem as bênçãos do Céu. Falem das suas aspirações na vida a dois, do amor que os une, da proposta de um lar enriquecido por filhos, sustentado por valores legítimos de carinho, respeito, compreensão, fidelidade, dedicação ao bem...

Ao nascer o filho, ninguém melhor para evocar as bênçãos divinas do que os pais, na intimidade do lar, agradecendo a Deus pelo Espírito que lhes foi confiado, propondo-se a orientá-lo nos caminhos da vida, com carinho e a força do exemplo.

Se falece o familiar, ninguém melhor do que seus entes queridos para elevar o pensamento a Deus, buscando serenidade para eles e amparo para o companheiro que retornou à Pátria Espiritual.

Quando terceirizamos essas ações, transferindo-as para alguém ou algum ritual, perde-se em grande parte a emoção que dá significado e intensidade ao culto religioso e favorece a comunhão legítima.

* * *

Certamente quando nos dirigimos a Jesus, em oração, não iremos, nem conseguiremos, fazer branco na tela mental.

Podemos, intimamente, formar um cenário.

Por exemplo: situemo-nos à beira de um lago de águas tranquilas, em pleno crepúsculo, estrelas brilhando no lampadário celeste, brisa suave...

Imaginemos Jesus a aproximar-se.

A maneira como iremos visualizá-lo na tela mental há de variar de acordo com nossa concepção, nossa maneira de ser.

Se você me permite, caro leitor, sugiro postura semelhante ao que ocorre na Igreja Santo Egídio, em Roma, onde há uma comunidade de pessoas dispostas a trabalhar com Jesus.

Dedicam suas vidas ao esforço em favor dos carentes.

Nela há extraordinária imagem do Cristo.

Um Cristo diferente...

Um Cristo sem braços!

Simbolismo perfeito.

Significa que Jesus confia em nós para realizar sua obra de redenção da Humanidade.

Imperioso sejamos os braços e as mãos de Jesus.

O Mestre é a luz que ilumina o mundo.

Compete-nos conduzir o luzeiro celeste aos carentes, trabalhando no campo da solidariedade.

Sem os cristãos de boa vontade, dispostos a arregaçar as mangas, para servir em nome do Cristo, como seus braços e mãos em ação, jamais o Evangelho se estenderá sobre o mundo. Por isso Jesus dizia que a Seara é grande e os trabalhadores são poucos.

Quando estivermos distraídos das finalidades da existência humana, mergulhados no imediatismo terrestre, um marca-passo na jornada evolutiva, detenhamo-nos por instantes.

Coloquemos em nossa tela mental a figura do Cristo sem braços, esperando por nós, e haveremos de vencer a comprometedora inércia para fazermos das nossas as mãos do Mestre, a distribuir bênçãos ao redor de nossos passos.

Servir em nome de Jesus será sempre a postura ideal, o melhor culto, a melhor reverência para a comunhão autêntica com a Espiritualidade, em condições ideais para recebermos as bênçãos de Deus.

A ética e a matemática

É **possível, caro** leitor, definir o valor de um homem usando a matemática?

Pois foi exatamente isso que fez A-Khwarizmi, ilustre matemático persa do século IX.

Pediram-lhe para falar sobre o ser humano. Ele respondeu:

— Podemos montar uma equação:

Se um homem tiver ética, ele é = 1

Se inteligente, acrescente um zero. Será = 10

Se rico, outro zero. Será = 100

Se belo, mais um zero. Será = 1000

Mas, se perder a unidade, o um correspondente à ética, restarão apenas zeros.

* * *

Inteligência, riqueza e beleza geralmente distinguem pessoas famosas em seu setor de atividades. Não obstante, todo o mal do mundo repousa no fato de faltar à maioria valores éticos a orientar sua conduta.

Há homens de grande inteligência, ocupando cargos importantes, mas cometendo toda sorte de arbitrariedades.

Há empresários e políticos riquíssimos, comprometidos com a corrupção.

Há mulheres famosas pela beleza, mas usando-a como recurso de sedução, a fim de alcançarem prestígio e notoriedade.

Sob o ponto de vista humano, são vitoriosos.

Espiritualmente situam-se como candidatos certos a estágios depurativos em regiões umbralinas, quando desencarnarem, aprendendo, à custa de muito sofrimento, que, sem ética, seus sucessos foram zeros, perdidos nas ilusões do mundo.

* * *

Conforme o dicionário Houaiss, ética seria o conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.

Oportuno lembrar: não vivemos em ilha deserta. Na vida em sociedade situamo-nos num círculo imenso de pessoas, onde, por princípio básico de civilidade, devemos respeitar regras instituídas, princípios éticos, a fim de convivermos pacífica e proveitosamente.

Há um probleminha.

Dizia Martin Luther King que nosso mundo é orientado por um relativismo ético.

Se a maioria adota determinado comportamento, ele passa a ser o correto.

Em tempo de segregação racial, nos Estados Unidos, a ética da sociedade preconceituosa dizia que o negro não podia entrar num clube, numa escola, num cinema ou em qualquer outro recinto reservado aos brancos.

Homens zero desfrutavam de direitos negados a homens discriminados pela cor da pele, embora debaixo dela fossem todos absolutamente iguais.

No século XIX, bem próximo, era ético ter escravos. Hoje é prática abominável, passível de punição pela autoridade constituída.

Em tempos bíblicos, o adultério era punido com a morte dos envolvidos. Na atualidade deixou de ser crime, e é largamente exercitado por ambos os sexos, em demonstração de virilidade e autoafirmação.

Em décadas passadas era antiético tatuar o corpo, iniciativa própria dos criminosos nas prisões, como uma espécie de distintivo. Hoje essa iniciativa é encarada como maquiagem definitiva e faz a fortuna dos tatuadores, atendendo à demanda, principalmente entre os jovens.

* * *

Acima desse relativismo apontado por King, haverá o princípio ético atemporal e universal, que sirva para todos os tempos e todas as sociedades?

Sem dúvida!

Está entre nós há dois mil anos, formulado por Jesus. O princípio capaz de organizar e pacificar qualquer sociedade, permitindo que vivamos em paz, em qualquer situação.

Está contido em O Sermão da Montanha, capítulos 5 a 7, do *Evangelho de Mateus*. São poucas páginas de o Novo Testamento, mas com material para uma vida de reflexões e uma orientação de caráter perene e universal.

Deveríamos ler diariamente essas páginas iluminadas, apresentadas com a simplicidade da sabedoria autêntica e a profundidade da verdade revelada.

Cumprindo-as, estaremos colocando a unidade ética à frente de todos os valores humanos, habilitando-nos a “notas altas” nos testes que a vida nos impõe, frequentemente.

Ainda que não tenhamos vocação para a reflexão mais apurada, um versículo apenas, se observado com fidelidade e persistência, nos garantirá ótimo aproveitamento ético.

É quando Jesus afirma (7:12): “Assim, tudo quanto quereis que os homens vos façam, assim também fazei vós a eles [...]”.

Acertos genéticos

Após examinar ao microscópio o embrião fecundado em laboratório, o médico informou aos pais:

— Ele possui componentes genéticos que favorecerão a ocorrência futura de grave deficiência respiratória. Peço sua autorização para interferir, substituindo os genes comprometidos por outros saudáveis, doados pelos senhores.

Solicitação atendida, a substituição genética foi realizada, eliminando possível problema futuro.

Ações dessa natureza já são executadas com sucesso em experiências com cobaias. Nas próximas décadas constituirão rotina em seres humanos.

E mais: com o avanço do conhecimento sobre o comportamento das células-tronco, coringas celulares, futuramente será possível reconstituir órgãos comprometidos por doenças graves e até mesmo substituir membros amputados.

* * *

Diante desses avanços da ciência médica, a grande dúvida:

Como fica a Lei de Causa e Efeito, que dá a cada um segundo suas obras, conforme ensinava Jesus, atendendo a objetivos educativos?

Aprendemos com o Espiritismo que Deus não joga dados com seus filhos. Atendendo a planejamento ou dentro do automatismo reencarnatório, a

combinação de elementos hereditários atende aos nossos compromissos de resgate.

Não é por mera falha genética que o Espírito reencarna com tendência a graves problemas respiratórios ou outro qualquer.

A medicina jamais alcançará o prodígio de neutralizar os princípios de ação e reação que regem nossa evolução.

O que sempre fará, agente da Misericórdia Divina, será amenizar os males decorrentes de nosso comprometimento com vícios, maldades, desregramentos...

Os registros cármicos residem no Espírito. O corpo é apenas o reflexo, e as enfermidades mais graves funcionam como válvulas de escoamento das impurezas espirituais adquiridas quando enveredamos por caminhos tortuosos, contrariando as Leis Divinas.

Se uma “válvula” é substituída, outras surgirão, ante a pressão interna da culpa.

A medicina, portanto, por maiores sejam seus avanços, estará sempre cuidando de efeitos, males que se sucederão até que o Espírito se purifique por inteiro, livrando-se de mazelas e imperfeições.

* * *

O ponto de partida para essa depuração definitiva começa quando o indivíduo atinge a maturidade necessária, a favorecer um comportamento disciplinado, disposto a exercitar o bem, sem aberturas para o mal, sob inspiração dos valores cristãos.

Quando o Evangelho, o Código do Amor Divino, for observado em plenitude em todas as latitudes e longitudes, chegará o momento em que a humanidade estará depurada e ajustada aos desígnios celestes.

Nesse futuro longínquo, porém inexorável, desaparecerão as doenças e as pessoas viverão na Terra cumprindo a programação biológica para a raça humana, de oitenta a cem anos.

A morte não ocorrerá por doença degenerativa ou desgaste prematuro do corpo. Virá suavemente pelo esgotamento das energias vitais, desencarne tranquilo e retorno feliz à Vida Espiritual.

Sem dúvida, há longa caminhada até essa gloriosa realização, mas todos chegaremos lá, porquanto essa é a vontade de Deus, que não falha jamais em seus objetivos.

A casca de banana

Imagine-se, prezado leitor, transitando por uma calçada e deparando-se com casca de banana ali jogada por inocente criança.

Guardando o devido cuidado, você a contorna e segue seu caminho.

Pouco depois, distraído transeunte passa por ali e escorrega na referida.

Cai de mau jeito, a contorcer-se de dor.

Levado ao pronto-socorro, a radiografia registra dorida fratura no pé.

Diante da legislação humana, você não terá responsabilidade alguma.

Não obstante, encarando o acidente sob o ponto de vista espiritual, haverá complicação.

Observe a questão 642 de *O livro dos espíritos*, na terceira parte, quando Allan Kardec fala da Lei Divina ou Natural:

Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?

Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem.

O destaque é de Kardec, enfatizando a nossa responsabilidade em acontecimentos funestos decorrentes de nossa omissão.

Se pararmos para pensar, perceberemos que em inúmeras oportunidades, ao longo dos dias, elementares cuidados de nossa parte evitariam prejuízos para alguém ou para a coletividade.

Alguns exemplos no cotidiano com pessoas não bem integradas na vida social:

— Jogam lixo na rua, que vai entupir o escoadouro de águas pluviais, favorecendo enchentes.

— Ignoram apelos dos poderes públicos para economizar água, causando problemas de abastecimento para a população.

— Descuidam da proliferação do *aedes aegypti*, no ambiente doméstico, com os prejuízos à saúde que lhe são inerentes.

Obviamente não temos um fiscal celeste anotando infrações dessa natureza, em observância à legislação divina, mas, no somatório, serão penalizados pela própria consciência, com indefiníveis tensões e inquietações.

* * *

Oportuno considerar a questão seguinte, 643:

Haverá quem, pela sua posição, não tenha possibilidade de fazer o bem?

Não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra ensejo de praticá-lo. Basta que se esteja em relações com outros homens para que se tenha ocasião de fazer o bem, e não há dia da existência que não ofereça, a quem não se ache cego pelo egoísmo, a oportunidade de praticá-lo. Porque, fazer o bem não consiste, para o homem, apenas em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, todas as vezes que o seu concurso venha a ser necessário.

Aqui, caro leitor, já não se trata apenas de praticar o bem para evitar o mal, mas de o fazermos como empenho por sermos úteis ao próximo e à coletividade.

Não é fácil, porquanto geralmente inspiramo-nos no velho egoísmo humano, esse barco que nos ajudou a sobreviver em estágios primários de

evolução no pantanal do instinto. Hoje ele nos atrapalha quando pretendemos carregá-lo na planície da razão.

Os escoteiros são treinados a praticar pelo menos uma boa ação diariamente, para formação de personalidade aberta, voltada para as necessidades do ambiente social no qual estagiam.

Bom treino, sem dúvida, mas podemos ampliar nossa ação, predispondo-nos a praticar boas ações o tempo todo, mudando de pessoa, na conjugação do verbo de nossas ações. Não mais o “eu”, em exercício de egoísmo, mas o “eles”, a exercitar o altruísmo.

Sob a regência da Lei de Causa e Efeito, quanto maior nosso empenho nesse sentido, maior o bem-estar que nos felicitará.

Para tanto, caro leitor, atente a providência elementar: prestarmos atenção, muita atenção, dispostos a atuar no bem até mesmo diante de simples casca de banana na calçada.

As respostas do Céu

O **fazendeiro passava** sempre por um sítio, nas proximidades de suas terras, sem contato com os proprietários, gente pobre, facilmente constatável pela singeleza da casa aos fundos.

Naquele dia, estando nas imediações, movido por impulso, resolveu conhecer os vizinhos.

Entrou no sítio sem dificuldade. Não havia porteira.

Aproximando-se da casa, observou, por janela à frente, uma adolescente de seus 12 anos, ajoelhada, mãos postas, em oração.

Sem descer da montaria, cumprimentou a garota que se assustou com sua presença.

— Fique tranquila, menina. Moro nas proximidades e entrei para breve visita. O que está fazendo aí, de joelhos?

— Estou orando. Meu pai foi tentar emprego na cidade, minha mãe está doente, meus irmãos menores estão com fome. Peço à nossa mãe, Maria Santíssima, que nos ajude.

O fazendeiro, materialista impenitente, rebateu:

— Não perca tempo, menina. Esqueça as fantasias da religião.

Não obstante, homem de bom coração, retirou de sua carteira expressiva quantia de dinheiro e lhe entregou, recomendando:

— Está aí, minha filha, o suficiente para comprar remédio para sua mãe e alimentos para toda a família.

Sem esperar por resposta, partiu.

Prestes a deixar a propriedade, resolveu voltar, e ver o que estava fazendo a garota.

Chegou à mesma janela e, surpreso, observou que ela continuava ajoelhada, em oração:

— Ora, menina, já não lhe dei o dinheiro necessário? Por que continua apelando para supostos poderes celestiais?

E a menina:

— Estou agradecendo à Mãe Santíssima. Pedi ajuda e ela enviou o senhor.

* * *

Essa singela história exalta a Providência Divina, que não falha jamais, quando nos entregamos à oração sincera, buscando ajuda para enfrentar as dificuldades e os males da existência.

É só prestar atenção e logo identificaremos o socorro do Céu nas atribulações da Terra.

Nem sempre acontecerá de imediato, nem sempre de forma direta, mas sempre virá.

No caso da menina, benfeitores espirituais contaram com o concurso de um ateu por convicção, mas cristão por comportamento, habituado ao exercício da caridade.

Faz-nos lembrar do inverso: religiosos de convicção, materialistas por comportamento, que jamais atenderiam a apelos semelhantes da espiritualidade, por permanecerem na sintonia do egoísmo, que os faz espiritualmente surdos.

* * *

As respostas do Céu podem fazer-se sentir de forma direta, como no caso citado ou, mais frequentemente, de forma indireta, quando os mentores

espirituais nos inspiram iniciativas que nos ajudam a solucionar problemas e superar dificuldades.

Em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 27, Kardec nos oferece interessante exemplo:

Um homem se acha perdido no deserto.

A sede o martiriza horivelmente.

Desfalecido, cai por terra.

Pede a Deus que o assista, e espera.

Nenhum anjo lhe virá dar de beber.

Contudo, um bom Espírito lhe *sugere* a ideia de levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si.

Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato.

* * *

Na maior parte das vezes é exatamente isso que acontece quando pedimos socorro ao Céu.

As respostas sugerem iniciativa de nossa parte.

Os mentores apontam caminhos.

Compete-nos caminhar.

Alicerce seguro

Num curso ministrado no Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru, presentes 75 pessoas, perguntei:

— Quem leu O Sermão da Montanha?

Doze responderam afirmativamente.

— Quem estudou O Sermão da Montanha?

Silêncio constrangido.

Alguém indagou:

— O que significa a palavra sermão?

Outro fez pior:

— A montanha falou?

O Sermão da Montanha, como sabe o leitor bem informado, é um discurso pronunciado por Jesus, registrado nos Evangelhos, por Mateus, capítulos 5 a 7, e, de forma fragmentária, por Lucas.

É chamado da montanha por ter sido pronunciado em uma colina, nas cercanias de Cafarnaum.

Jesus aborda vários temas, provavelmente atendendo às dúvidas dos discípulos, como se fosse um pinga-fogo.

A importância do Sermão está em ser a síntese maravilhosa dos ensinamentos evangélicos.

Dizia Mahatma Gandhi, que não era cristão: “Se se perdessem todos os livros sacros da Humanidade, e só se salvasse O Sermão da Montanha, nada estaria perdido”.

Ernest Renan, grande exegeta do Evangelho, contemporâneo de Allan Kardec, o situava como o texto mais autêntico de O Novo Testamento.

* * *

Reconhecendo que em O Sermão da Montanha está o mais perfeito roteiro em favor de nosso bem-estar, que tal, leitor, tentar uma imersão em seus princípios renovadores?

Primeiro passo: leia o texto inteirinho. Não lhe tomará mais de sessenta minutos.

Se habituado à leitura, o fará em metade do tempo.

Terminando, releia no dia seguinte.

Torne a fazê-lo diariamente, até completar sete dias. Dizem os numerólogos, gente que aparentemente entende do assunto, que o sete é representação de espiritualidade. O pessoal do jogo do bicho o considera “de sorte”.

Digamos que completar a sétima leitura significará que você é uma pessoa disciplinada.

Sabe o que quer, disposto a cumprir metas que lhe sejam produtivas.

Não tenha pressa.

Estude um tópico de cada vez, a começar pelas bem-aventuranças.

Poderá, então, refletir sobre a conceituação apresentada por Jesus, buscando aplicá-la.

Devo adverti-lo de que não é fácil. Pelo contrário, é complicado, porquanto mexe com a nossa zona de conforto, com nossas tendências, com nossa milenar maneira de ser, marcada por um comportamento pouco compatível com os valores do sermão. Veja, por exemplo, a primeira bem-aventurança.

Mateus, 5:3: “Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus”.

Situando a humildade como o reconhecimento de nossa pequenez diante de Deus, compete-nos respeitá-lo na obra da Criação,

Você guarda essa disposição, caro leitor?

Seria capaz, como o fazia Francisco de Assis, de identificar, por irmãos seus, o Sol, a Lua, as estrelas, o animal, a ave, o peixe, o inseto, o vizinho, o ofensor, o carente que bate à sua porta?

Repetiria de coração e convicção, com o pobrezinho de Assis, em oração:

Fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Irmandade negligenciada...

Outros tópicos, igualmente instigantes.

Mateus, 5:22: “[...] aquele que se encolerizar contra seu irmão, terá que responder no tribunal. Aquele que chamar a seu irmão “cretino” estará sujeito a julgamento”.

As pessoas fazem até pior, homenageiam a senhora mãe dos desafetos, atribuindo-lhe aquela profissão pouco recomendável.

Quanto aos políticos comprometidos pela corrupção, o xingômetro (com licença dos gramáticos para o neologismo) atinge níveis estratosféricos.

Não serão aqueles momentos de intranquilidade, que frequentemente nos tomam, mera sanção de nossa consciência ante destemperos verbais?

Língua ferina...

Mateus, 5:23 e 24

Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois vem e apresenta a tua oferta.

Nossas orações, atendendo velhos hábitos, costumam situar-se como listagem para favores do Céu.

Funciona o milenar petitório.

Tudo bem, pedir não é pecado e ninguém é de ferro. Jesus, porém, adverte que não é razoável pedir favores ao Pai Celestial guardando rancores de seus filhos.

Por isso muita gente ora e ora, sem resultados.

Coração ressentido...

Mateus, 5:27 e 28

Ouviste o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com atenção impura, já cometeu adultério com ela.

Após ler esse libelo, dizia um amigo:

— Meu Deus! Estou perdido!

Será por advertências assim que as pessoas preferem não conhecer o sermão, sustentando a ignorância por atenuante?

Talvez não saibam que, em elementar princípio de justiça, o desconhecimento da lei não nos livra de sanções quando deixamos de cumpri-la.

Melhor será pedir a Deus coloque juízo em nossa cabeça.

Conter a fantasia...

Mateus, 5:33 a 37

Ouvistes o que foi recomendado aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás com o Senhor os teus juramentos.

Eu, porém, vos digo que não jureis de forma alguma; nem pelo Céu, que é o trono de Deus; nem pela Terra, que é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, que é a cidade do grande Rei.

Não jurareis tampouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou preto um só de seus cabelos.

Limitai-vos a dizer: sim, sim; não, não. O que disso passar procede do maligno.

Complicado, não é mesmo, caro leitor?

Se queremos cumprir o Sermão não podemos, por exemplo:

— Informar ao pobre que hoje tem nada, não.

— Mandar dizer que não estamos em casa quando nos procure alguém que não queremos atender...

— Alegar que gastamos com compromissos inadiáveis e não temos o tostão que nos pede emprestado o amigo, embora sobrem mais que tostões em nossa conta bancária...

Esse procede do maligno a que se refere Jesus significa que a mentira chega sempre das faixas mais escuras da personalidade humana.

Consequências danosas...

* * *

Realmente, é um tremendo desafio observar o sermão. Consideremos, porém, que na jornada rumo à perfeição moral ele faz parte do caminho.

Não há como escapar, nem há atalhos que o evitem. Mais cedo ou mais tarde transitaremos por ele.

Melhor seja a partir de agora.

E tem mais: se você seguiu até aqui na leitura, ainda que elementar, está enquadrado na última advertência de Jesus.

Mateus, 7:24 a 27

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Pois é, meu caro, cuidado com o terreno em que constrói a casa existencial, evitando que os temporais da vida a levem de roldão, deixando-o no tempo, ao desabrigo, a comprometer o presente com danosa repercussão no futuro.

Convém alicerçá-la com o sermão...

Variações sobre o amor materno

Caro leitor, em singela homenagem às mães, aqui vão para sua apreciação algumas reflexões a partir de três poemas de exaltação da maternidade.

O primeiro, o mais famoso: *Ser mãe*, de Coelho Neto.

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração! Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga o pedestal do seio,
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.
Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo! É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,
é ser força que os males equilibra!
Todo o bem que a mãe goza é bem do
filho, espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!
Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!

Fica a dúvida: o amor materno é condição do Espírito evoluído que se propõe à tarefa da maternidade, ou seria uma espécie de instinto sublimado?

O cuidado da prole também caracteriza os animais, nos domínios da irracionalidade.

Segundo Darwin, a presença do homem na Terra foi a culminância de lento aprimoramento das espécies, desde as manifestações mais simples ao ser pensante.

A Doutrina Espírita confirma Darwin e vai além: não apenas o corpo físico, também o Espírito é o ápice de uma jornada evolutiva.

Fomos, em pretérito remoto, um princípio espiritual a animar os seres inferiores da criação, até atingirmos a complexidade necessária ao exercício da razão, com o pensamento contínuo, transformando-nos em Espíritos, seres pensantes.

É ideia perfeitamente lógica, compatível com o bom senso.

Se Deus, na oficina da Natureza, levou milhões de anos para preparar o veículo que nos permite transitar na matéria densa, por que o Espírito, infinitamente mais complexo, surgiria de mágica divina no momento da concepção, no ventre materno?

Ao longo de milhões de anos, como princípio espiritual, reencarnamos no seio de várias espécies e raças, guiados pelo instinto e condicionados pela estrutura física de que nos revestíamos.

A agressividade do leão ou a mansuetude do cordeiro não exprimem condição evolutiva do princípio espiritual.

São padrões inerentes à espécie, no propósito de oferecer-lhe uma diversidade de experiências necessárias ao seu desenvolvimento, como moldes evolutivos.

Há o desdobramento, ainda mais importante, na conceituação doutrinária: também o Espírito, o ser pensante, está submetido aos ditames da Natureza em jornada evolutiva, a caminho da angelitude.

Assim, tanto a condição feminina como a masculina, na experiência terrestre, também são modelos comportamentais, favorecendo ao Espírito a assimilação do que há de melhor na masculinidade e na feminilidade.

Costuma-se dizer que o anjo não tem sexo, porquanto sintetiza os melhores valores de ambos os sexos, em equilíbrio perfeito.

Ambiente, cultura, estrutura física, hormônios e outros fatores estabelecem diferenças entre o masculino e o feminino, modelos evolutivos:

O homem, o cérebro; a mulher, o coração.

O homem, a razão; a mulher, o sentimento.

O homem, a força; a mulher, a sensibilidade.

Assim, ambos são diferentes, não como condição espiritual, mas como modelo comportamental a que se sujeita o Espírito ao reencarnar.

O próprio instinto materno é inerente não ao Espírito, mas à condição feminina, como acontece com os irracionais. Com raras exceções, sempre é a fêmea quem cuida da prole.

Diz Delfina Benigna da Cunha, em psicografia de Chico Xavier:

Maternidade na vida,
Que o saiba quem não souber,
É uma luz que Deus acende
No coração da mulher.²

Breves palavras num verso singelo, a exprimir realidade gloriosa: carregar um rebento querido nas próprias entranhas, dá-lo à luz, garantir-lhe cuidado e proteção, desperta na mulher o amor materno, que, reiteramos, é o mais belo, o mais puro de que temos notícia na Terra, favorecendo a evolução do Espírito no sagrado território do sentimento.

Todos os filhos de Deus, mesmo os machistas incorrigíveis, exercitarão um dia, na condição feminina, a experiência da maternidade, o molde do amor sublimado.

Ressalte-se que esse toque divino favorece na mulher o desenvolvimento do lado espiritual. Por isso ela é mais propensa à atividade religiosa e mais sensível aos valores espirituais.

* * *

Num segundo tema, o poema *Minha Mãe*, de Martins Fontes:

Beijo-te a mão, que sobre mim se espalma
para me abençoar e proteger.

Teu puro amor o coração me acalma;
provo a doçura de teu bem-querer.

Porque a mão te beijei, a minha palma
olho, analiso, linha a linha, a ver
se descubro em mim um traço de tua alma,
se existe em mim a graça do teu ser.

E o M, gravado sobre a mão aberta,
pela sua clareza, me desperta
um grato enlevo, que jamais senti:

Quer dizer — Mãe — esse M tão perfeito,

e, com certeza, em minha mão foi feito

para, quando eu for bom, pensar em ti.

No fundo de todos os temas apresentados pela Doutrina Espírita, ressalta o exercício do bem. É para aprendermos a ser bons, superando mazelas e imperfeições, que estamos na Terra.

Importante destacar, nesse particular, a questão, 383, de *O livro dos espíritos*:

Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

Encarnando com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período é mais sensível às impressões que recebe e que podem auxiliar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os encarregados de educá-lo.

O período infantil do ser humano é dos mais prolongados. Até os 7 anos ele fica praticamente adormecido e, como diz o mentor, é extremamente

sensível às influências que recebe.

É durante esse tempo que podemos mudar suas tendências, ajudando-o a superar mazelas e imperfeições.

A lição mais importante: ensiná-lo a amar. E porque ninguém aprende a amar se não receber amor, Deus inventou as mães, mestras diplomadas pela Natureza nessa matéria essencial na escola da Vida.

Estimulado ao bem, com a força do amor materno, ele não precisará contemplar o *eme* em sua mão aberta para lembrar-se de sua mãe.

Ela estará sempre presente em seu coração.

* * *

Num terceiro tema, diríamos que o momento crucial de nossa vida é a morte.

Ninguém ficará para semente. Chegará o dia, mais cedo ou mais tarde, em que, inexoravelmente, partiremos.

Não é fácil deixar tudo na Terra, e retornar a sós, sem acompanhamento, sem levar mísero alfinete.

Mais do que em qualquer outra situação, é diante da morte que o Espiritismo revela sua missão consoladora, dizendo-nos que deixaremos a Terra solitariamente, porém, se levarmos a existência a sério, cumprindo nossos deveres, evitando todo mal e praticando todo bem, haverá gente nos esperando no Além.

Familiares e amigos estarão festejando nosso retorno vitorioso ao mundo espiritual, amparando-nos, ajudando-nos a superar as dificuldades iniciais.

Do lado de cá, lenços de saudade e dor acenando, nas despedidas.

Do lado de lá, lenços de boas-vindas, a alegria contagiante do reencontro.

E, salvo exceções, alguém especial cuidará de nós, como revela o Espírito Carlos Dias Fernandes, em psicografia de Francisco Cândido Xavier, reportando-se aos instantes de sua morte.

As paredes da casa em vão procuro,
Quero dizer adeus e não consigo...
Vejo apenas o vulto amargo e amigo
Da morte que me estende o manto escuro.
Choro a estirar-me, trêmulo, inseguro;
O leito ensaia a pedra do jazigo...
Padeço, clamo e indago a sós comigo,
Qual pássaro que tomba contra um muro.
A névoa espessa enreda o corpo langue,
É o terrível crepúsculo de sangue
Que me tinge de sombra os olhos baços;
Mas surge alguém, no caos que me entontece,
É minha mãe, que alonga as mãos em prece,
Doce estrela brilhando em meus braços!...

II

Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,
Ouço divina música na sala,
É a sua voz celeste que me embala,
Motes do lar que tornam de mansinho.
Ergo-me agora... o corpo é o pelourinho
De que me desvencilho por beijá-la...
“Mãe! Minha mãe!...” — suspiro, erguendo a fala,
A soluçar de júbilo e carinho.
— “Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...”
Nossa velha canção terna e risonha

Regressa com beleza indefinida...
Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.

2 XAVIER, F. C. *Trovas de outro mundo*. Por trovadores diversos. 5. ed. Brasília: FEB, 2013.

A Estrela de Belém

Segundo a tradição evangélica, uma estrela guiou a Belém os três sábios orientais, conhecidos como os magos Baltasar, Belquior e Gaspar.

A intenção era homenagear Jesus, o enviado divino.

Aparentemente, apenas o trio de peregrinos via o astro brilhante.

Ninguém mais foi conduzido à cidade de David.

Isso significa que somente eles possuíam aqueles “olhos de ver”, de que Jesus falaria várias vezes, reportando-se às pessoas dotadas de entendimento mais dilatado e de percepção para os valores espirituais.

* * *

A Estrela de Belém fulge sempre no mês de dezembro, mostrando o caminho para que os discípulos do Evangelho rendam, também, homenagens a Jesus.

Os que têm “olhos de ver”, a partir de um entendimento mais amplo da mensagem cristã, percebem que ela não aponta em direção às Igrejas, aos Centros Espíritas, aos Templos Evangélicos.

Embora respeitáveis em suas finalidades, estimulando-nos à comunhão com Deus e ao cultivo das virtudes cristãs, não é neles que o Mestre nos espera.

Se prestarmos atenção, se observarmos com cuidado, perceberemos que a Estrela de Belém aponta para a periferia, para casebres tão humildes e pobres quanto a estrebaria que abrigou a família sublime.

Dizem os sociólogos que lá estão os excluídos, eufemismo com que definem os miseráveis que vivem abaixo da linha da pobreza.

Mais correto lembrar que lá estão, simplesmente, nossos irmãos!

É junto deles que Jesus nos procura, nos fala, nos chama, nos espera para as providências necessárias, a fim de que possam desfrutar de um Natal feliz, marcado pela abençoada esperança que viceja na alma dos sofredores, quando sentem que não estão abandonados à própria sorte.

* * *

Amigo leitor.

Comemore o Natal.

Abrace familiares e amigos, nos júbilos da abençoada Noite Feliz.

Mas, se deseja a presença do Mestre Divino, lembre-se: é preciso ir ao seu encontro, a fim de convidá-lo.

Contemple o Céu com “olhos de ver” e perceba a Estrela de Belém apontando os campos abençoados da solidariedade.

Ali encontraremos Jesus.

O ano aceitável

Às **vésperas do** Ano Novo, disseminam-se previsões das mais variadas origens, quanto ao que nos reservam os próximos 365 dias com suas experiências e desafios.

Astrologia, cartomancia, quiromancia, cristalomancia, necromancia, oniromancia, piromancia, hidromancia e muitas outras cias (até uma cafeomancia, que é a arte de adivinhar o futuro examinando a borra do café) disputam espaço na mídia e entre os consulentes, com as mais variadas previsões de caráter coletivo ou particular.

Como geralmente são feitas de palpites, em autêntica loteria da sorte, há alguns acertos e os adivinhadores ganham adeptos, sem que se levem em consideração os desacertos.

* * *

Sempre começaremos melhor o ano deixando de lado os palpites, concentrando-nos numa *racionalancia*, ou uma análise racional do que nos reserva o futuro, tendo por base o que estamos fazendo no presente, em relação ao nosso corpo e à nossa alma.

Em relação ao corpo.

Estamos tratando bem dele, com regime alimentar, trabalho disciplinado, repouso adequado, exercícios, higiene pessoal, isenção de vícios?

Há que se considerar que se trata de uma máquina que exige cuidados, a fim de manter-se em ordem.

Se não temos essa disciplina, não há por que imaginar como resgate de dívidas do pretérito os problemas de saúde do presente.

Há doenças claramente associadas à maneira como usamos nosso corpo, numa relação de causa e efeito em que pagamos pelo que estamos fazendo, não pelo que fizemos em existências anteriores.

Algumas associações:

Câncer pulmonar e enfisema — cigarro.

Cirrose hepática — álcool.

Transtornos mentais — drogas.

Obesidade mórbida — gluttoneria.

Distúrbios circulatórios — inatividade.

Desvios da coluna — postura.

Dificuldade de concentração — déficit de sono.

A lista é imensa.

A expectativa de vida do brasileiro, até o início do século XX, era de 33 anos.

Hoje está em 74 anos.

Por quê?

Será que Deus resolveu que devemos viver mais?

Não seria mais apropriado considerar que a medicina evoluiu muito e as pessoas estão mais disciplinadas, cuidando melhor do corpo, como o Senhor espera que façamos?

Deus nos dá a bênção da Vida.

Sua qualidade e duração, a não ser quando estamos submetidos a resgates cármicos, dependem do que fazemos com essa adorável senhora.

* * *

Em relação à alma.

Não precisamos de extensas referências.

Apenas devemos considerar que somos Espíritos imortais, em trânsito pela Terra.

Já vivíamos antes do berço, viveremos para sempre após o túmulo.

Consequentemente, é de bom alvitre que busquemos aqueles valores que, segundo Jesus, as traças não roem nem os ladrões roubam, valores de conhecimento e virtude, evoluindo sempre!

* * *

Cuidando bem do corpo e da alma, teremos um ano feliz, ainda que nos reserve problemas e dificuldades, que são próprios deste mundo de expiação e provas.

Oportuno considerar, ainda, que a felicidade não está subordinada à satisfação de nossos desejos diante da vida, mas ao desejo de realizar o que Deus espera de nós.

Atendendo com carinho aos reclamos do presente, certamente o futuro nos reservará o melhor.

Melhor ainda se pudermos fazer do Ano Novo o ano aceitável do Senhor, conforme a citação feita por Jesus (*Lucas*, 4:19), aquele ano abençoado em que centralizaremos nossos esforços em favor da realização maior: podermos repetir, um dia, com Paulo (*Gálatas*, 2:20): “Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”.

As marcas do Cristo

O **aluno de** medicina acompanhava a consulta em que o pai, experiente médico, atendia idosa senhora hipocondríaca, que, como sabemos, é o paciente que vive a imaginar doenças, males que só existem na sua cabeça.

Se ler a bula de um remédio sentir-se-á portadora de todos os efeitos colaterais ali descritos.

Diante de um atestado de óbito experimentará os sintomas do mal que vitimou o defunto.

Em dado momento o médico ofereceu-lhe uma caixinha com boa quantidade de pílulas, dizendo-lhe:

— Este remédio é o mais moderno para seus males, importado da França. Tome um comprimido diariamente. Ficará boa em poucos dias.

A senhora pegou a caixinha, agradeceu e, animada, despediu-se.

O filho do médico demonstrou surpresa.

— Papai, o senhor deu-lhe tabletes de açúcar. No que poderão ajudar essa senhora?

— Meu filho, para doenças imaginárias, remédios para a imaginação.

Ela haveria de sentir-se bem com aquele infalível “medicamento francês”.

* * *

Alguém perguntaria:

— É uma questão de fé?

Considerando que a fé é a confiança plena em alguém ou em alguma coisa, podemos dizer que funcionaria para essa senhora a certeza de que aquelas pílulas iriam curá-la.

A fé mobiliza nossas forças, nossos recursos de defesa contra os males que nos afligem.

Nesse aspecto, a fé religiosa é a mais importante, estabelecendo nossa sintonia com o sagrado.

A pessoa que traz a água para ser magnetizada no centro espírita, com fé nesse recurso de tratamento espiritual, mobiliza sua força mental potencializando os recursos magnéticos ali contidos, além de tornar-se receptiva à ação dos mentores espirituais em seu benefício.

* * *

A propósito, vale lembrar a mulher hemorroíssa, no Evangelho.

Segundo o Evangelista Lucas (8:43 a 49), era uma senhora que há doze anos sofria pequena hemorragia ginecológica, como se estivesse em permanente menstruação.

Era terrível, porquanto, segundo os preceitos do judaísmo, a mulher menstruada ficava impura e não podia ter contato com os familiares, além de outras restrições.

Ao final do período menstrual, deveria submeter-se a rituais de purificação.

Imaginemos uma mulher situada como menstruada por doze anos!

Gastou muito dinheiro em tratamentos e nada dava certo.

Tendo notícia de que Jesus poderia curá-la, foi até uma de suas pregações.

Não tinha coragem de dirigir-se a ele ou expor o seu mal, mas considerou que, sendo poderoso, aquele rabi poderia curá-la simplesmente se ela tocasse nele.

Assim fez.

Numa das pregações de Jesus, aproximou-se por trás e, com a fé “que move montanhas” tocou de leve em suas vestes.

Imediatamente sentiu que o fluxo sanguíneo cessava!

Estava curada!

Jesus, que certamente sabia o que acontecera, não obstante para ressaltar o episódio, perguntou quem o tocara.

Simão Pedro, com aquele jeitão espontâneo, respondeu:

— É muita gente, Mestre, não podemos saber quem foi.

Diante disso, a mulher curada apresentou-se a Jesus e contou o que acontecera.

Jesus disse-lhe:

— Tem bom ânimo, filha. Vai em paz. A tua fé te salvou.

Certamente não foram as vestes de Jesus que curaram a mulher, mas elas funcionaram como fator de indução.

Por sua fé elas se tornaram instrumentos para que ela assimilasse a energia que emanava do Mestre, em favor de sua cura.

Há quem leve roupas de pessoas acamadas no centro espírita para ‘benzimento’.

A roupa em si pouco significa, mesmo porque o tecido é mal receptor de magnetismo, mas a crença do paciente de que lhe trará benefícios favorecerá sua sintonia com os recursos ali mobilizados em seu benefício.

* * *

Forçoso reconhecer que no atual estágio evolutivo dependemos dessas representações, favorecendo a mobilização de nossa mente e a receptividade aos recursos espirituais.

Uma medalha em corrente no pescoço.

A imagem de um santo em casa.

A repetição de uma reza.

A vela acesa.

O banho de defesa.

O galho de alecrim.

São, digamos, fulcros de concentração da mente, mobilizando nossos recursos e tornando-nos receptivos à ajuda espiritual.

* * *

Nesse particular, o Natal, embora os aspectos lendários das circunstâncias do nascimento de Jesus, possui uma simbologia poderosa, que nos inspira e motiva, a começar pela proclamação dos anjos: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens!”.

Há poderoso magnetismo nessa proclamação, anunciando a paz para os homens, mas destacando que é preciso cultivar a boa vontade, a vontade de ser bom.

É sob essa influência poderosa que nos tornamos mais sensíveis aos apelos da solidariedade em dezembro, mas dispostos a fazer algo pelo próximo.

* * *

Há outros simbolismos natalinos.

O mais importante está representado num velho costume que teve início com Francisco de Assis no século XIII: o presépio de Natal.

Em hebraico significa *manjedoura*.

O ponto central do presépio é Jesus numa manjedoura, tendo ao lado Maria e dóceis animais.

As pessoas montam o presépio em suas casas, mas nem sempre tem noção do que ele significa.

Francisco de Assis certamente tinha a intenção de chamar nossa atenção para o fato de que Jesus, o Mensageiro Divino, a figura mais importante da

Humanidade, que poderia ter nascido rei ou filho do imperador romano, preferiu nascer numa humilde estrebaria, tendo por primeiro berço o recipiente onde se coloca alimento para os animais.

O Mestre iniciou seu apostolado, desde o nascimento, a demonstrar que o caminho das mais sagradas realizações da alma humana começa pela humildade, o reconhecimento de nossa pequenez diante de Deus.

É a partir daí que superamos o orgulho, o preconceito, a tendência de julgarmos e discriminarmos as pessoas pela sua condição social, pela sua cultura, pela cor de sua pele, pela condição de sua raça.

Somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai de Infinito Amor e Misericórdia, devendo-nos mútuo apoio em todas as situações.

Essa é a grande mensagem natalina, simbolizada nas circunstâncias que marcaram o nascimento de Jesus.

Quando assimilarmos esse simbolismo e nos dispusermos ao esforço da solidariedade, seremos verdadeiramente irmãos, habilitando-nos a viver em paz.

Na atualidade, vários mecanismos têm sido criados pelas minorias para combater a discriminação, o preconceito, o racismo...

Temos o dia da consciência negra.

O dia do orgulho *gay*.

Acabaremos por ter dias de conscientização em favor dos judeus, dos orientais, dos ciganos, das prostitutas, dos dependentes químicos, dos aidéticos, sem acabar com os males que nos separam, que nos infelicitam, que promovem conturbações sociais sem conta, transferindo para futuro remoto as realizações mais nobres do Espírito humano.

Morgan Freeman, famoso ator americano, tem uma expressão significativa a respeito, quando diz: “O dia em que pararem de pensar em consciência negra, branca ou amarela, e começarem a pensar em consciência humana, aí o racismo acaba”.

Então, comemoraremos um Natal diferente, aquele maravilhoso Natal que representa o nascimento do Cristo em nossos corações e viveremos como

irmãos, todos, toda a Humanidade, como se fôssemos um único ser, tão preocupados com as carências do próximo, como nos preocupamos em cuidar de um braço ou de uma perna doentes.

E que, na simbologia cristã, não nos esqueçamos do símbolo maior — a cruz, que representa a renúncia dos interesses pessoais em favor do próximo.

Então conquistaremos a realização maior: teremos em nós as Marcas do Cristo!

É para isso que estamos na Terra, que reencarnamos sucessivamente, que aqui enfrentamos dores e atribulações, que sensibilizam nossa alma, para a grande conquista.

Certamente, muitos de nós, quando no Mundo Espiritual, antes da presente existência, teremosorado assim, conforme o maravilhoso poema de Maria Dolores, psicografia de nosso inesquecível Francisco Cândido Xavier (*Mãos marcadas*, Prefácio. IDE.), que, mais do que ninguém, esteve sempre orientado pelo seu esforço em sustentar as marcas do Cristo:

Senhor!

Quando me deres

O privilégio do renascimento

No berçário do mundo,

Ante as necessidades que apresento

E aquelas que não vejo,

Eis, Senhor, o desejo

Em que dia por dia me aprofundo:

Deixa-me renascer em qualquer parte,

Entretanto, que eu possa acompanhar-te

Onde constantemente continuas

Trabalhando e servindo em todas as estradas

Para que eu também tenha as mãos marcadas

Como trazes as tuas...
Quanta ilusão quando me debatia
Crendo que o desespero fosse prece,
A rogar-te alegria e segurança
Sem que eu nada fizesse!
Imitava na Terra o lavrador
A temer pedra e lama, vento e bruma,
Aguardando milagres de colheita
Sem plantar coisa alguma.
Entretanto, senhor, agora sei
Que o trabalho é divino compromisso,
Estímulo do Céu guiando-nos os passos
E que, atendendo a semelhante lei
Puseste ambas as mãos em nossos braços
Por estrelas de amor e de serviço.
Assim, quando efetues
As esperanças em que me agasalho
E estiver entre os homens, meus irmãos,
Que eu me esqueça em trabalho
E me lembre das mãos...
Não me dês tempo para lastimar-me
Que eu busque tão somente a luz que me acenas...
No anseio de seguir-te
Quero trabalho apenas.
Dá que eu seja contigo, onde estiveres,

Uma réstea de paz... Que eu seja alguém

Sem destaque e sem nome

Que se olvide no bem.

E se um dia uma cruz de provas e de agravos

Reclamar-me a tarefa e o coração,

Não me largues ao susto a que me enleie,

Ajuda-me a entregar as próprias mãos aos cravos

Da incompreensão que me rodeie,

Entre bênçãos de fé e preces de perdão!

Não consintas que eu volte ao tempo morto

Da ilusão convertida em desconforto,

Dá-me os calos da paz nas tarefas do bem,

A servir e servir sem perguntar a quem...

Ouve, Celeste Amigo,

Aspiro a estar contigo,

Longe de minhas horas desregradas,

Onde sempre estiveste e sempre continuas,

Plantando amor em todas as estradas,

Para que eu também tenha as mãos marcadas

como trazes as tuas...

Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Edna Maria Fabro
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Elizabete de Jesus Moreira
Lísia Freitas Carvalho

Capa e Projeto gráfico:

Evelyn Yuri Furuta

Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

E-Book:

Diego Henrique Oliveira Santos

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da FEB Editora, cadastrando-se no site
www.febeditora.com.br.

RICHARD SIMONETTI

A Bênção da Gratidão

A IMPORTÂNCIA DE AGRADECER
PARA VIVER BEM E FELIZ

A bênção da gratidão recorda-nos que agradecer é uma oportunidade. Poucos ainda aproveitamos essa dádiva que Deus nos oferece: a de agradecer sempre.

Quem agradece vive bem e feliz! Quem reclama dificulta a própria caminhada.

Por meio de crônicas, Richard Simonetti comenta, à luz do Evangelho de Jesus e dos ensinamentos do Espiritismo, as bênçãos divinas que recebemos todos os dias.

O autor destaca, com sua peculiar didática e jeito fácil de escrever, que a gratidão deve estar presente no dia a dia de nossas existências. Isso nos faz bem e beneficia os que conosco convivem por gerar alegria de viver.

ISBN 978-85-9466-192-0

